

Oferta
-O. NOV. 1998



AVULSO
1.20 ESC.
ANO III-N. 114
22 DE JULHO
1943

*Vida
Mundial*

ILUSTRADA

Semanário gráfico de actualidades

NOTAS GRÁFICAS



Em Espinho, inaugurou-se uma excelente piscina no Casino da linda praia do Norte. Na foto, damos um aspecto da assistência à cerimónia inaugural, que foi muito concorrida e brilhante:



Os setenta anos, que a lei não deixa ultrapassar, colheram em pleno exercício o sr. comandante Silva Miguéis, professor nos Pupilos do Exército. A sua última aula foi uma sábia lição, fazendo o seu elogio o sr. coronel Santos Nogueira, director daquê Instituto.



O director geral dos desportos, sr. tenente-coronel Salvação Barreto, inaugurou, na Casa do Alentejo, uma curiosa exposição de Campismo — promovida e organizada pelo Clube Nacional de Campismo.



O sr. comandante Tenreiro esteve, há dias, na Joalheria Eloy de Jesus, onde visitou o «Troféu Salazar», que se encontra exposto numa das suas montras e que foi disputado, com outros troféus, nas Regatas Oceánicas.

ESTÁ ABERTO O III CONCURSO

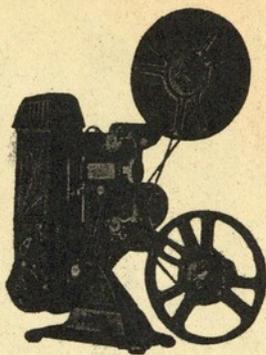
do melhor filme de amador para disputa da Taça Pathé-Baby e troféu FERRARIA

Peça-nos o regulamento

Organização de: Sociedade Pathé-Baby Portugal, L^{da}

LISBOA — Rua de S. Nicolau, 22

PÓRTO — R. de Santa Catarina, 315



CHARLIE KUNZ

Apresenta 2 novos discos

COM OS ÚLTIMOS SUCESSOS MUSICAIS



Decca F 8260 — Selecção N.º 59

Decca F 8273 — Selecção N.º 60

DIÇA-OS NOS

Est. Valentim de Carvalho

RUA NOVA DO ALMADA, 97

Quem deseja parecer JOVEM ?

UMA NOVA
DESCOBERTA
QUE TIRA AS
RUGAS
ENQUANTO SE
DORME



Um famoso especialista descobriu um novo extrato de células cutâneas, denominado «Biocel» que o Creme Tokalon, cor de rosa contém agora. Aplique-o todas as noites. Enquanto dorme rejuvenesce-lhe a pele e todas as manhãs ao acordar, parece mais nova. De dia use Creme Tokalon cor branca (não gorduroso) que lhe torna a pele clara, fresca e aveludada. Com este simples tratamento, qualquer senhora pode tornar-se dez anos mais nova.

A venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encon-

trando escreva para o Depósito Tokalon, 88, Rua da Assunção, Lisboa, que atende na volta do correio.

Vida MUNDIAL

PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

DIRECTOR:

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO

EDITOR E PROPRIETÁRIO:

JOAQUIM PEDROSA MARTINS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA GARRETT, 80-2.º — LISBOA

TELEFONE: 25844

SÃO ESTES HOMENS QUE DIRIGEM AS OPERAÇÕES NA SICÍLIA

APOS três anos e dez meses de guerra, as Nações Unidas conseguiram, finalmente, desencadear uma ofensiva de grande estilo — a maior operação anfíbia até hoje realizada por qualquer país beligerante.

A este facto, que por si só é grande transcendência militar, alia-se a circunstância, ainda mais transcendente, da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos possuírem, presentemente, um escól de oficiais-generais e se revelou, em absoluto, integrado nas modernas concepções duma estratégia militar de que os alemães foram excelentes mestres e os anglo-americanos melhores alunos.

E, se pômos este ponto em destaque, é porque não podemos esquecer os generais aliados que pareciam «queimados» nas fases preliminares da guerra e que começaram a reabilitar o seu nome, provando que, se sofriam revesses, estes eram motivados mais pela falta material de homens e armamentos, do que por incompetência ou inadaptação.

Na invasão da Sicília foram, por isso, utilizados os «ases» — chamemos-lhes assim — da última campanha africana, uns oficiais cheios de prestígio e com larga folha de serviços, outros verdadeiras revelações que souberam colocar-se à altura dos veteranos.

Pela sua qualidade de comandante-chefe das forças de desembarque na Sicília, referir-nos-emos, em primeiro lugar, ao tenente-general americano Dwight Eisenhower, um «novo» no quadro da oficialidade dos Estados Unidos que marcou uma posição no seu país como principal colaborador de Mc Arthur nas Filipinas e se revelou não só um admirável organizador militar enquanto esteve em Londres, mas também um hábil político, quando estabeleceu o seu quartel-general em Argel no período crítico dos desembarques na África do Norte francesa.

A seguir, como segundo comandante das forças de invasão, salienta-se o nome do general britânico Sir Harold Alexander — um nome batido em três anos de guerra defensiva e que subscreveu as duas mais famosas retiradas militares desta guerra: Dunquerque e Birmânia.

Porém, a obra de Alexander está hoje ampliada pela sua acção como chefe principal do conjunto de forças que expulsaram os italo-alemães do Norte de África e, segundo os telegramas dos correspondentes de guerra britânicos, parece ter sido ele quem, pessoalmente, dirigiu as operações de desembarque na Sicília.

Numa operação anfíbia de tão vastas características, a marinha de guerra e mercante teve um papel importantíssimo; por isso, não é de estranhar ver à frente da esquadra do Mediterrâneo o almirante Andrew Cunningham, figura prestigiosíssima da Armada britânica, o que aliás é comprovado pelo facto de ter, desde que a guerra estalou, desempenhado ininterruptamente cargos da mais alta responsabilidade.

A ele, devem a Grã-Bretanha e o seu Governo as vitórias de Matapan e Taranto, tendo-lhe sido também confiada a protecção dos navios anglo-americanos da expedição à África do Norte.

Sob as ordens de Cunningham, encontram-se mais dois oficiais de marinha que os redactores dos comunicados oficiais acharam bem citar. São eles: o almirante Sir Bertram Ramsay, que dirigiu a evacuação de Dunquerque e planeou a expedição naval à África do Norte, e o vice-almirante americano Henry Hewitt, considerado um dos maiores peritos do seu país em artilharia, o qual, com a sua esquadra agregada às forças navais britânicas, pôs fora de combate os contra-torpedeiros franceses que tentaram fugir de Casablanca, e dominou o Jean Bart.

A frente das unidades terrestres britânicas, compostas pelas 5.ª e 51.ª Divisões, 1.ª Divisão Canadiana, 22.ª Brigada Blindada, 6.ª Divisão Blindada e divisões de paraquedistas, encontra-se a mais famosa e popular figura militar da Grã-Bretanha — o general Sir Bernard Montgomery, o homem que à frente do celebrado 8.º Exército perseguiu o Afrika Korps do invencível marechal Romell desde El Alamein até à Tunísia.

Os contingentes americanos desembarcados — 1.ª, 3.ª e 45.ª Divisões de Infantaria, 2.ª Divisão de «Tanks» e 82.ª Divisão Aéreo-transportada — têm igualmente um chefe, que, nos Estados Unidos, é tão característico e popular como o seu camarada britânico atrás citado. O seu nome é George Patton; a sua patente, tenente-general; a sua maior ambição, «morrer no campo de batalha à frente dos meus soldados».

As forças aéreas que apoiaram a invasão estavam subordinadas ao marechal da R. A. F., Sir Arthur Tedder, acolitado pelo tenente-general Carl Spaatz, da aviação norte-americana.

São dois chefes que agem com perfeita unanimidade de pontos de vista e estão ligados por sólidos laços de íntima amizade pessoal.

O primeiro foi o introdutor, no Egipto e na Tunísia, do emprego dos aparelhos da R. A. F., como artilharia volante, e o segundo foi o signatário do ultimato de rendição lançado sobre Pantelária.

A Tedder e a Spaatz, estão ainda agregados mais dois oficiais-aviadores muito distintos: o marechal do ar Sir Arthur Cunningham, chefe das forças aéreas táticas, e o major-general James Doolittle, comandante das forças aéreas estratégicas.

São dois nomes que não necessitam de apresentação. Cunningham foi o braço direito de Montgomery durante toda a campanha do 8.º Exército e Doolittle ainda não há muito tempo recebeu a Medalha do Congresso dos E. U. — a mais elevada condecoração americana — por ter chefiado as esquadrilhas de aviões que bombardearam Tóquio em Abril de 1942.

Conforme aqui fica escrito, vê-se que todos estes homens são combatentes endurecidos e, embora alguns deles no passado tenham sofrido desaires, obtiveram recentemente uma retumbante vitória sobre as forças do Eixo.

Entre aqueles que o general Montgomery está a dirigir no campo de batalha contam-se os veteranos do 8.º Exército e algumas formações do 1.º.

Ao fazermos referência ao «1.º Exército» veio-nos à memória o nome do general Anderson, o qual não aparece mencionado em nenhum dos comunicados oficiais, prestando-se esta circunstância a alguns comentários especulativos...

Quanto ao reverso da medalha, isto é, sobre os chefes militares das Potências do Eixo na Sicília, pouco se sabe oficialmente.

Segundo um cálculo de origem britânica, avalia-se a guarnição da Sicília em 12 divisões, cada uma das quais constituída por 15.000 homens.

Das destas divisões são alemãs, cinco formam as forças de defesa costeira e as outras cinco são compostas por brigadas de infantaria italiana.

Ainda de acordo com essa informação, o comando das forças combinadas do Eixo estaria entregue ao general italiano Alfredo Guzzoni, que dirigiu a invasão da Albânia em 1939. Há dois anos, Mussolini demitira-o de todos os seus cargos oficiais; mas, em Maio último, o Duce encarregou-o de preparar a defesa da Sicília.

Guzzoni é um dos mais hábeis chefes militares da Itália e um disciplinador muito severo. Quando se registou o ataque à Grécia, desempenhava as funções de sub-secretário para a Guerra e 2.º Chefe do Estado Maior italiano.

A respeito dos comandos alemães na ilha invadida, ainda menos se sabe. Fala-se, com frequência, na chegada, à frente do Mediterrâneo, do coronel-general Maufred von Richthofen, parente do famoso barão Richthofen da guerra de 1914-18, o qual teria por missão reforçar com a sua Luftflotten as castigadas forças aéreas do marechal Kesselring.

Todavia, os alemães não confirmam nem desmentem esta notícia e, por isso, nos referimos a ela duma forma tão imprecisa.

J. C. R.



General Eisenhower, supremo comandante e o general «sir» Harold Alexander, 2.º comandante das Forças Aliadas.



Almirante sir Andrew Cunningham chefe das forças navais no Mediterrâneo, e general sir Bernard Montgomery comandante-chefe das forças terrestres britânicas.



Almirante sir Bertram Ramsay comandante das operações navais e vice-almirante H. K. Hewitt, comandante das forças navais americanas.



Marechal sir Arthur Tedder, comandante-chefe das forças aéreas no Mediterrâneo, e tenente-general Carl Spaatz, comandante das forças aéreas no Noroeste africano.



Marechal sir Arthur Cunningham comandante britânico da tática da Força Aérea e marechal da «Luftwaffe» Richthofen, comandante das forças aéreas alemãs no Mediterrâneo.



Tenente-general George Patton, comandante americano das Forças Motorizadas e major general James Doolittle, comante americano de estratégia da Força Aérea.

EU ESTIVE EM VILA FRANCA

ENTRE CAMPINOS E TOIROS

(Especial para a "Vida Mundial Ilustrada" POR GENTIL MARQUES)



Fujam... que aí vem o touro!...

DE fôsse Mr. de La Palisse a escrever estas linhas, apontaria assim uma das suas verdades eloquentes e inofensíveis: Antes de partir de Lisboa, ainda não tinha chegado a Vila Franca...

Precisamente. No sábado de manhã eu estava virgem dessas resoluções que havia de tomar à tarde. E, acreditem, a ideia de ir a Vila Franca assistir às pitorescas e famosas festas do «Colête Encarnado» nasceu simplesmente no meio duma posta de pescada.

Um pouquinho psimados, não? Eu conto já: a pescada não estava boa. Podia dizer o nome da varina que a vendeu, mas não digo... Eu sou boa pessoa. Preferi um bife. Não havia bifés. Fiz uns alhos de protesto, com as sobranças em bico e tôdas as outras características... Então, alguém galhofou:

— Queres um bife? Vai a Vila Franca... Há lá touros com fartura!

Senhoras e senhores, juro-lhes que aceitei o desafio. Iria a Vila Franca comer um bife, durante as festas do «Colête Encarnado».

Eis a resolução tomada! Há muito tempo já, eu ouvia falar nos campinos — alma e corpo do Ribatejo — e na festa anual do «Colête Encarnado», poema de alegria, de temeridade e de cor. Contudo, era a primeira vez que me decidia a ir presencialmente esse espectáculo sugestivo e viril.

Conversei com alguns conhecidos e eles disseram-me coisas espantosas. Que aquilo em Vila Franca era uma loucura absoluta: homens estripados, senhoras desmaiadas, cabeças abertas, etc. Que os touros entravam pelas casas dentro, sem pedir licença nem nada. Que havia sempre gente morta. Que os telhados eram alagados, por bom dinheiro, pelos milhares de forasteiros, a fim de poderem assistir à espera...

Enfim, depois do meu rápido inquérito, cheguei a esta conclusão:

— Já era tarde para arranjaç quarto e comida. Teria de passar a noite ao relento e de jejuar. Além disso, dentro daquele tumulto fantástico, talvez encontrasse a morte...

Não hesitei. Na minha imaginação formei um filme do Far-West, com muitos campinos, muitos cavalos e muitos touros. Uma coisa doida mesmo!

ONDE ENCONTRO UM COMPANHEIRO

Comecei, então, os últimos preparativos da viagem. Eram três horas da tarde e o combóio partia às cinco e trinta e oito. Não havia, pois, um minuto a perder.

Na redacção da «Vida Mundial Ilustrada» encontrei o meu companheiro de viagem. Trazia a máquina fotográfica, um futo às riscas e um sorriso de boa disposição. Nem era preciso mais nada.

Saimos e iniciámos a aventura. Primeiro ractacino: não temos quarto nem local para nos instala-

larmos durante a passagem dos touros. O director deu-nos um cartão para Fausto Dias, director da «Vida Ribatejana».

— Ele faz tudo o que puder... Eis uma boa esperança. Mas pelo sim, pelo não, tomámos também a nossa iniciativa.

O meu companheiro pediu ligação para a Câmara Municipal de Vila Franca. Esperámos mais de meia hora. Por fim, houve uma voz a atender:

— Está? Estávamos mesmo quasi adormecidos. Reanimamo-nos, dissemos que era o director da «Vida Mundial Ilustrada» e explicámos o que desejávamos, tornando a explicar, e iam explicar ainda outra vez, quando a voz nos interrompeu:

— Desculpem, meus caros senhores, mas é tardíssimo... Está tudo cheio, absolutamente cheio... O senhor presidente não se encontra aqui, foi para a quinta com os convidados... Eu não posso fazer nada... O último jeito que conseguimos, foi encaixar o pessoal da Emissora nos correios... E isso por muito favor...

Desligámos, pagámos e não sorrímos. O caso estava sério, de facto. Se aquilo era assim, tal e qual, nem um alfinete cabia em Vila Franca. Verdade, verdade, eu e o meu companheiro valemos mais que uma dúzia de alfinetes. Em resumo: vislumbremos de tragédia!

Mas fomos fazer a barba. Entretanto, por onde passávamos arranjávamos apresentações para gente de Vila Franca.

Na estação demos o balanço às nossas pesquisas: o meu companheiro ia recomendar a uma barbearia, por intermédio dos rapazes do «Roiz, L. & C». Eu levava um cartão para o director da «Vida Ribatejana», ia cotado como primo do meu barbeiro para um senhor João de Oliveira, proprietário, e tinha registado o nome do professor Chaves, correspondente do «Diário de Notícias».

Entretanto, usámos ainda outra vez do nome do nosso director e mandámos um telegrama para Fausto Dias:

«Enviados especiais «Vida Mundial» seguem combóio das 6, favor facilitar trabalhos. Agradece Góndim».

Respirámos. Agora sim, a nossa esperança era maior. Comprámos os bilhetinhos e avançamos para a linha n.º 5.

NO COMBÓIO DAS 5 E 38

Palavra, que aquilo só visto. Contado perde metade da graça. Para entrar no combóio, meia hora antes da partida, tivemos de empurrar, de lutar, de gritar, de pisar.

Quando conseguimos um espaço vital, eu tinha cabelos nos olhos e o meu companheiro parecia ter regressado de alguma pândega mal acabada.

Mas isso ainda não era nada. Daí em diante, continuou a subir mais gente, que nos pisava, que

eram empurrava, que gritava... Eramos dois, mas parecíamos um, de tão amolgados que íamos. Cada vez se reforçava mais a nossa impressão de que tudo isto ia desbarcar em tragédia. O meu companheiro fez uma encantadora profecia:

— Amanhã, a esta hora, devemos estar no hospital, com as cabeças rachadas... Sorri. Quem não sorriria diante duma graça destas?

Finalmente, o combóio mexeu-se. Nem notei o balanço. Como seria isso possível, se levava em cima do ombro esquerdo o braço robusto duma senhora espanhola, se tinha atrás de mim um sujeito de cento e tal quilos, se estava quasi proibido de respirar por causa dum casal amoroso, e se tinha de pedir licença a uma rapariga de óculos, para levar a mão ao nariz?

Parageç nos apadeiros. Mais gente a entrar, sempre mais gente. No Arieiro, os novos passageiros tiveram de se contentar com um equilíbrio perigoso sobre os eixos de ligação, entre as carruagens.

Entrou o «faquir» do circo que esteve acampado no Alto Pina. A paisana, o «faquir» parecia um operário. O paiçoço veio despedir-se dele.

— Tem cautela... Tira-te daí... Mas o «faquir» mostrava valentia.

— Não há medo, Rico... Aqui vou bem... Adeus, Rico!

O diálogo durou a paragem do combóio. Eu tinha a impressão de estar assistindo a um número de circo. Mas o combóio partiu...

Os meus olhos e os olhos do meu companheiro — os olhos, felizmente, podiam-se mover à vontade — não se tiravam daqueles homens empoleirados no tejadilho, seguros entre as duas carruagens, numa acrobacia difícil e perigosa.

De repente, há um baque. Um pequeno grito. Um grande silêncio. Afinal, fôra apenas a maleta dum deles que caíra à linha...

Até ao fim da viagem fiquei com o baque e o pequeno grito entranhados nos ouvidos. Mas os homens pareciam não ligar importância à sua aventura. Conversavam, rião, faziam gestos, contavam anedotas. Meus irmãos heróis, que ninguém conhece...

À MANEIRA DE REPORTAGEM

A confirmação das nossas suspeitas mostrava-se ali, bem à vista, quando fomos despertados no combóio na florida e bonita estação de Vila Franca.

De facto, o largo fronteiro estava cheio de gente, as janelas estavam cheias. Só nos telhados, havia muitos lugares vagos...

A multidão desaguava, à nossa volta. Tinhamos de procurar qualquer poiso. Olhámos, reflectimos e acabámos por subir umas escazinhas ao lado da porta da estação.

Em cima, no alto, alguém nos atendeu.

— Desejam alguma coisa? — Somos jornalistas... Não há possibilidade de nos ceder um cantinho de qualquer janela?... — Absolutamente... Estejam à vossa vontade... E tivemos uma janela inteira, para nós dois.

Uma janela, com sol, com moscas e com uma vista lindíssima. Um dos melhores pontos para dominar a rua. Concorrámos, em silêncio, que estávamos com sorte. E ficámos à espera...

Os minutos foram passando, formaram meia-hora, completaram uma hora.

— Fome? — Sim! — Vamos? — Para onde? — A procura... — Sim. — Agora? — É melhor! — Um... Dois... Três...

Aos três, estávamos já no solo, depois de saltarmos da janela alta. Eu esfolei uma perna e o meu companheiro esmigalhou uma barata. Coisas que acontecem...

Saimos para o meio da rua, não sem termos agradecido a gentileza do factor Nunes, dono da janela...

Passaram dois touros, tresmalhados. Correrias, gritos, sustos... Mas os touros não queriam brincadeiras e fugiram.

Atrevemo-nos, de novo. E enfiámos por uma rua lateral qualquer, à procura da redacção da «Vida Ribatejana».

De informações em informações, chegámos a uma esquina. Na esquina havia uma loja e a loja tinha duas portas de vidro. Numa das portas estava pendurado este letreiro-aviso:

VIDA RIBATEJANA
Fechado por um momento

— Será mesmo um momento? — Talvez... Resolvemos investigar pelas vizinhas. E soube-mos, afinal, que aquele epor um momento não tinha duração definida. As vezes, prolongava-se por todo um dia. Sorrimos da graça...

Fomos a um café, depois a outro e ainda a outro. No último, tínhamos visto Fausto Dias. Indicaram-nos a casa do senhor José Clemente, aquasi um palácio, à saída da vilas.

Tentámos de descobrir onde ficava o palácio. Entretanto, passavam junto a nós raparigas esbeltas e formosas, de sorrisos belos e olhos maliciosos. Até nos esqueçemos dos Touros. Mas, depois, a caminho da casa do senhor José Clemente, lembrámo-nos deles, outra vez. Campinos e lavradores, nos seus cavalos bem tratados, ofereciam-nos sucessivas náves de poeira, que vinham polvilhar nossos fatos e cabelos. Não nos aborrecemos. Estávamos a criar ambiente.

Em casa do senhor José Clemente, disseram-nos primeiramente que não sabiam de Fausto Dias. De seguida acabaram por confessar que ele estava em Vila Franca e devia jantar às nove...

Olhámos o relógio. Oito horas. Tínhamos fome e sede. As dez começava a toirada. E nós não queríamos faltar...

Agradecemos e voltámos pelo mesmo caminho. As ruas continuavam cheias de campinos e de forasteiros. Touros não havia.

Soubemos então que já se realizara a parada dos campinos — espectáculo dum colorido riquíssimo e dum alegria bizarra, em que os cavaleiros da lezíria desfilavam, imponentes, senhores da sua audácia e da sua valentia. A espera tivera lugar também, mas sem acontecimentos extraordinários. Sómente sete feridos. No domingo de manhã, sim, é que a largada dos touros, pelas ruas, devia dar um divertimento forte, grande e emocionante...

Deliberámos, pois, ir à conquista do jantar. Entrámos dezenas de vezes na «Pensão Ribatejana» e na «Pensão Graça». Nem uma esperança. Pelos corredores, havia senhoras de prato na mão, comendo mesmo de pé. Nas cozinhas, andavam mais comensais do que criados. Uma barafunda completa!

Num papite inexplicável, abordámos o dono da «Pensão Graça»:

— Tem quartos? — Um só! — Fítamo-lo espantado. Seria verdade? — Está alagado! Quanto? — Cinquenta escudos!

Pagámos, recebemos a chave e, intimamente, entoámos um cântico de vitória. A nosso lado, um colega, repórter de qualquer jornal, chegou segundos depois de nós, quasi chorava pedindo uma cama, fôsse onde fôsse... Mas não havia nem mais uma cama!

Voltámos a casa do senhor José Clemente e desta vez encontramos Fausto Dias.

O director da «Vida Ribatejana» estava apouquetado com negócios de família. Não o quisemos incomodar e partimos, mais uma vez, à conquista do jantar.

As dez horas em ponto, eu descobri uma pequena mesa vazia, na «Pensão Ribatejana». Havia, à minha volta, dez ou quinze concorrentes mas felizmente, cheguei em primeiro lugar.

Mesa já tinhamos. Faltava a comida. Com habilidade, fomos reunindo pratas e bananas dispersas pelas outras mesas. Eis o primeiro prato, um prato de frutas.

De seguida, cheguei à cozinha a tempo de ouvir um criado gritar «vitela para dois». Assim que ele saiu, arranjei o meu sorriso mais sério, aproximei-me do balcão e afirmei em voz segura:

— A vitela que acabou de ser pedida é para mim

Posso levá-la? Eles acedderam e eu levei a vitela para a mesa. Aquilo comeu-se em menos tempo do que leva a escrever...

À MANEIRA DE CRITICA

Na praça de touros, a primeira coisa que me saltou à vista foi a falta de organização.

Para entrar, tive de incorporar numa hicha enormíssima; arranjada não sei com que intuito. Sei apenas que a porta era estreita, as pessoas entravam a conta-gotas e eu só cheguei ao meu lugar, compeado de véspera, na altura do terceiro touro vir à arena.

Al surgiu nova complicação. Por um motivo qualquer, deixaram entrar gente a mais. Isso deu em resultado que tive de discutir, para tomar posse do meu lugar e que essas discussões, entre outras pessoas mas pela mesma causa, rurraram a toirada inteira.

Enfim, arreliado, comprimido, mal sentado, aguardei a entrada de Gregório Garcia, a maravilha que levava a maior parte da assistência imensa, a transbordar na Praça de Vila Franca.

Santo Deus, aquele mexicano é, de facto, dum coragem que assombra. Os touros que lhe saíram, eram mansos. Pois bem, ele conseguiu chamá-los um pouco à luta, à força de os incitar, de os perseguir, de se oferecer às cornadas.

Foram para eles as maiores e melhores palmas da noite. Absolutamente merecidas!

Numa toirada, em que os animais eram bonitos sim, mas sem qualidades combativas, só um toureiro como Gregório Garcia poderia brilhar.

Dos cavaleiros, nenhum me satisfiz. De Guerrita, penso que é sóbrio em demasia para nos conseguir impressionar. Uma das pegas dos forçados foi realmente emotiva.

A direcção da corrida, fraca e imprópria da categoria da mesma. Havia lá o direito de permitir que o bando das vacas chocas entrassem, a buscar o touro, numa altura em que Guerrita procurava ainda simular a morte do seu adversário?

Não! Só Gregório Garcia me interessou. Há já quem lhe chame o toureiro-suicida.

Há já quem o atreia atrás dele, de corrida em corrida, para o ver tombar em plena luta. Mas eu não creio que Gregório Garcia tome tão cédo. Ele possui a valentia e a audácia gentil que fazem afugentar a própria morte...

À MANEIRA DE COMENTÁRIO

Depois da toirada, realizou-se a famosa ceia à Ribatejana, onde os lavradores abastados e os seus amigos e os seus conhecidos comeram do bom e beberam do melhor.

Eu e o meu companheiro pensámos que a ceia devia ter sido esplêndida. Mas foi uma coisa que se passou longe de nós...

A festa local nocturna no mercado não teve interesse de maior. Uma edição ribatejana dos mercados de Lisboa. Mesas cheias, fados, guitarradas, vinho e tremoços, presunto e paio, paio e azeitonas. Uns grupos folclóricos, umas anedotas em voz alta e pouco mais...

As três da manhã, demos entrada no nosso quarto. E só então conseguimos ver como ele era...

As nove, ainda não tínhamos adormecido, depois de apoteóticas caçadas a aranhas de mau aspecto e de bicharocos de muitos tamanhos e feitios.

Contudo, lavámo-nos e fingimos que aquilo era esplêndido. O cafésinho quasi sem leite, quasi sem café e quasi sem açúcar — também foi muito bom, oh! se foi...

Domingo de manhã! E, para mim próprio, eu perguntava apenas onde estavam aqueles episódios que me tinham contado em Lisboa? Até agora, ainda não tinha visto nem cabeças partidas, nem senhoras desmaiadas, nem touros a correr pelas ruas... E, para a minha expectativa, sem isso não poderia haver, de maneira alguma, a verdadeira festa do «Colête Encarnado»...

A largada dos animais, pela manhã, estava marcada para as dez horas...

As dez menos qualquer coisa, eu e o meu companheiro tomámos posições na melhor janela da «Pensão».

Ao meio dia, continuávamos à espera. As nossas caras já não reflectiam bom humor. Os olhos do meu companheiro não desfiavam uma maçã enorme, de relíquia, por certo, posta sobre a fruteira...

As ruas eram pequenas para tanta gente. E, súbito, tornaram-se menores ainda. Alguém gritou: — Fuman, que os touros vêm aí!...

À MANEIRA DE CRÓNICA

Pelo menos a minha opinião é esta mesmo: de tudo o que presencié, durante os dois dias da Festa do Colête Encarnado, a largada de touros pela rua principal constituiu o episódio mais sugestivo, mais pitoresco e mais local.

É certo que houve o desfile dos campinos e dos lavradores — rico de cor e de interesse. É certo que foram a espera e a taurada os dois grandes atractivos da Festa. É certo que a Ceia à Ribatejana constituiu, para os comensais, talvez o «climax» de tudo. É certo que no domingo, à tarde, os Campinos se apuraram para a sua festa Hípica, com corridas e entusiasmos, com beleza e animação...

Mas, é certo, também, que a largada de Touros — para o povo, foi o espectáculo maior e melhor. Maior e melhor!

Durante horas e horas, aquela gente toda agüentou nas ruas, pelas janelas, empoleirada por toda a parte, à espera que a sua festa começasse.

As raparigas puseram nos lábios o mais belo sorriso. Os rapazes tinham nos olhos bravatas e desafios. Os próprios velhos, as próprias crianças andavam ansiosas, contentes, brinçalhonas...

Festa com por cento popular. O touro fugia pela rua abaixo e toda a gente fugia atrás dele. E impreviavelmente saía o touro, num instante. Qualquer coisa servia, para desafiar o bicho. As copas eram sacas de serapilheira. As banderilhas não passavam de bocados de cana. Mas isso era o melhor. Eles queriam mostrar valentia. E jogavam-se e saltavam em frente do boi e fugiam-no...

Homens e mulheres. Os rapazes das bravatas e as raparigas dos sorrisos. Tudo alegre, tudo satisfeito...

Largaram dois touros. As vezes eles nem se mexiam. Mas bastava alguém gritar que fugissem, e a gente toda atropelava-se numa correria doida, numa gritaria doida...

Depois, voltavam de novo. Um dos capas improvisados saía à ligeira segurando triunfante a sua saca de serapilheira ou até o seu casaco remendado. A ligeira era a rua toda. E ele aproximava-se de vagar, de mansinho...

— Eh! hol, olé! Eh! bicho... O touro não se mexia. Olhava-o apenas de esguelha. Mas, das janelas e das portas apinhadas, vinham mais incitamentos.

— Eh! bicho! Eh! bicho... O touro acabava por investir contra o amador. Então, num salto inesperado, este fugia. Ou se atirava por uma janela aberta. Ou trepava aos ombros dos outros ou entrava de repelião por qualquer casa.

Alguns mais timoratos, ainda brincavam um pouco, enquanto o bicho não se zangava.

Contudo, logo que o touro tinha alguma fúria e desarvorava por ali fora, aquilo parecia o fim do mundo. As pessoas atropelavam-se, caíam, rolavam no chão sujo, o boi misturava-se com elas e, no fim, ficavam uns laivos de sangue a atestar as vítimas...

Mas as vítimas, felizmente de pouca gravidade, iam pensar-se e voltavam para a brincadeira, sorrindo, galhofando...

As vezes, eu imaginava aquilo mesmo passado em Lisboa. Calculem, um touro largado no Rossio. Devia ser cómico, de verdade. Cómico e, talvez, trágico...

Foi depois da largada e das suas peripécias que eu comi o bife amblionado. Que belo bife! O meu companheiro não se pôde conter. E comprou por qualquer preço aquela maçã grande, apetitosa, mas de relíquia, que estava na fruteira.

Voltámos para Lisboa, ao fim da tarde, num combóio completamente cheio. Falava-se, por todo o combóio, de campinos e touros, de Vila Franca e de Gregório Garcia.

Quando cheguei a Lisboa, tive a impressão de que estava num mundo novo, diferente...

Espera-se que eles apareçam...

Em qualquer parte se improvisaram trincheiras

O boi está longe... Não mete medo...

Prodígio de valentia e audácia, o toureiro amador

A assistência transbordava...



O QUE EU VIDE MESSINA A AGRIGENTO

RESPIGOS DE UMA REPORTAGEM POR TORRES DE CARVALHO



L'Etna vista da Catania

ALGUNS anos decorreram já depois que, a convite do sr. Giuseppe Bastiniano, então ministro da Itália em Portugal, fiz parte de uma caravana de setenta e cinco jornalistas, representantes de quasi toda a Imprensa do Novo e Velho continente. Durante uma dezena de dias, percorri, de lés a lés, a formosa ilha Sicília.

Não seja de supôr-se que exagero dizendo que, sob os pontos de vista arqueológico e panorâmico, é das mais belas regiões que tenho visitado. Tudo ali é monumental, aliciante e pitoresco. A Sicília é tal qual uma mulher que nos atrai pela simpatia, de quem depois se gosta e por quem, ao fim de a termos conhecido bem, prêsos aos seus encantos, já dela não nos poderemos separar.

Não há ali um só recanto que deixe de interessar: aqui, as paisagens do estreito de Messina, do Colle San Rizzo, das noites luarentas de Taormina

da planície de Catânia, do Etna, de Siracusa ou Agrigento; ali uma inscrição recordando datas e pelejas; acolá as monumentais ruínas helénicas, dos circos e teatros; além, a imponência dos Templos; lá, no alto, castelos assinalando feudos e guerras, emoldurados num fundo verde e azuláceo das árvores e das montanhas.

Estamos em Messina.

Atestando a dominação normanda, lá está a Annunziata del Catalani e, recordando a passagem dos teutões, que tomaram parte nas Cruzadas, ergue-se majestosa, a igreja de Santa Maria, da Alemanha.

Lá em baixo, aos pés do Colle San Rizzo, outro templo, não inferiormente belo — a igreja de Santa Maria della Valle.

A igreja de S. Giovanni di Malta lembra-nos o estilo barroco dos messinenses, mas a influência do espirito e da arte de Miguel Angelo está significativamente assinalada na cidade.

Não nos podemos deter mais.

Existe muito para ver ainda, através do extensivo da excursão.

O automóvel roda sobre o macadame da estrada, em direcção a Taormina. Mentalmente, principiamos percorrendo a história da ilha que trilhamos, outrora, pela sua grande fertilidade, considerada o celeiro de Roma.

E... perante as paisagens absorventes, vemos a conquista da ilha aos siculos, pelos gregos que ali se instalaram e fundaram as cidades de Messina, Gela, Megara, Catânia e Siracusa; a invasão cartaginesa e a oportuna intervenção de Dionísio a fim de evitar a invasão da Sicília, pelos bárbaros.

Mas, perante o espectáculo monumental das ruínas e do pitoresco da região, o espirito leva-nos ao jugo francês e às reacções provocadas durante o domínio dos Bourbons, vencidos e expulsos da ilha por Garibaldi, e detemo-nos no ano de 1860, data em que se deu o plebiscito, unindo a Sicília à Itália, já então unificada.

Estamos em Taormina, à porta do luxuoso hotel «San Domenico Palace». Lá dentro, um grupo numeroso de bandolinistas, tipicamente vestido, põe a nota característica e musical do ambiente.

Ao longe, fumegante, o célebre vulcão Etna.

Aqui, em Taormina, parece-me condensarem-se todas as maravilhas geradas na mais fantástica imaginação. Desde a grandiosidade das ruínas do Antigo Teatro Grego, até ao panorama que se disfruta, dos montes e do maciço da Calábria ou aos pormenores de um pórtico ou de uma rua, tudo aqui é belo e prodigioso.

Seguimos, curiosos, a Randazzo que o rio Alcântara banha parcimoniosamente e cuja cidade conserva o aspecto de antiga cidade da Idade Média.

Deixamo-la mergulhada nas suas recordações e dirigimo-nos para Acireale. Estimulando o interesse pela visita, lá estavam as afamadas termas de Santa Venera; o pitoresco castelo de Aci; a igreja barroca de S. Sebastião e os restos das antigas termas romanas.

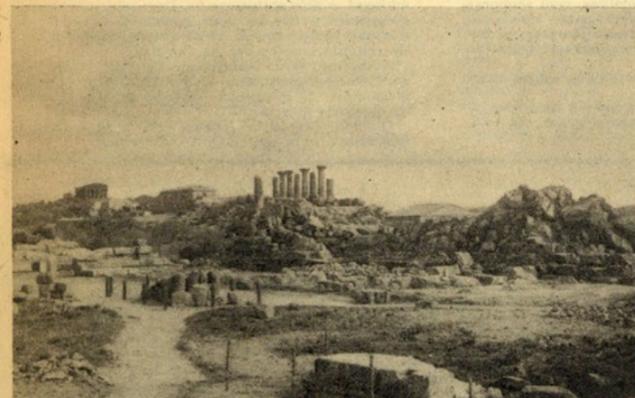
Agóra, na cidade de Catânia. O Etna está bem visível.

A planície desdobra-se a seus pés. Aqui, a beleza é principalmente panorâmica. A lava — os grandes blocos — foi aproveitada no calçamento das ruas.



CATANIA - Via Etna vista dal Quattro Canti

A rua do Etna, em Catânia é uma das mais movimentadas da importante cidade siciliana.



Agrigento é uma evocação permanente de outras eras, de outros homens, de outras civilizações. Aqui está uma vista panorâmica dos Templos.

Bellini, o célebre compositor e maestro, está glorificado com um monumento e a «Villa Bellini», delicioso oásis de verdura e formoso jardim publico. Assinalando épocas remotas, lá estão as ruínas do Teatro Grego; do Anfiteatro Romano; do Odéon, reservado, outrora, às audições musicais; e o imponente Castelo Ursino.

As igreja de S. Giugliano ou Santa Agata dão-nos o estilo architectural setecentista e recordam-nos o seu construtor, o abade palermitano Vaccarini.

Continuo a respigar os meus apontamentos e leio que, após a visita a Caetanissetta, entro em mais uma formosa cidade siciliana: Siracusa.

Novas e surpreendentes maravilhas criadas pelas mãos da natureza e do homem. Mais ruínas monumentais ressuscitam épocas irreconstituíveis. Junto da colina de Jemelises as ruínas do grande Teatro Grego. Está a realizar-se um espectáculo clássico, cuja beleza e grandiosidade são engrandecidas pelo ambiente.

Representa-se a «Antigone», de Sófocles.

Todo um passado helénico se revive, aqui, em Siracusa, perante o Templo de Minerva ou a Fonte de Aretusa.

Desde a grega à mediéval, catalã ao barroco, eras e artes, surgem diante de nós, emolduradas em luxuriante vegetação.

Vai a caravana visitar a grande e afamada gruta, conhecida pela «Orelha de Dionísio». Fazem-se as mais variadas experiências acerca das extraordinárias propriedades acústicas da gruta.

Sigo, na agradável companhia dos meus colegas e do meu camarada dr. Jorge de Faria, para o Altar Grego de Erone, junto ao Teatro Grego e ao passarmos no Anfiteatro Romano, a figura do Imperador Augusto ergue-se e com ele a sua época.

De regresso ao hotel, dou uma volta pela cidade, pórtico e Catedral sem esquecer o Museu Nacional, um dos mais importantes da Itália, pelas riquezas arqueológicas que encerra referentes à Sicília Oriental.

Em seguida ao almoço, do cimo do Castelo Eurialo — grandiosa obra militar grega — vou disfrutar na sua totalidade e magnificência o panorama de Siracusa.

«Amanhã às 7 horas, partida para Ragusa», diz o apontamento que tenho na extremidade da folha de papel.

Passo, primeiramente, em Enna que me recorda batalhas e cercos; uma história completa de dominação e decadência. Lá está a Catedral, monumento do século catorze, guardando, ciosamente, obras de Gagini, Gallina e Paladino.

Ragusa. O aspecto da cidade é bonito e bonita a perspectiva que se abre diante de mim.

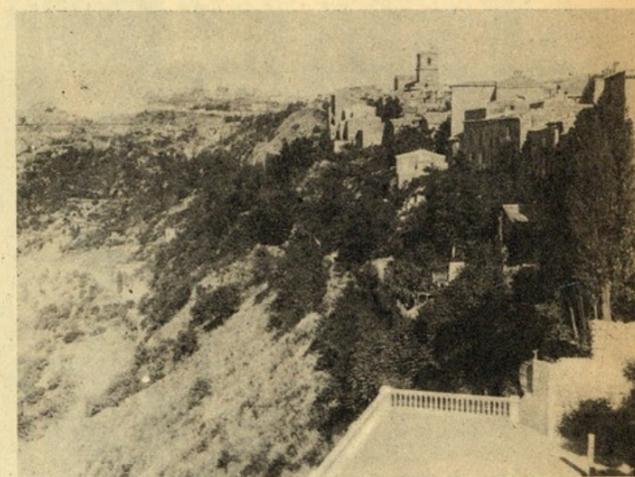
Após a visita à cidade e às igrejas do Colégio de Maria e de S. José, sigo para as minas onde se faz a extracção do asfalto.

Agrigento. Em, situação quasi privilegiada, a cidade surge num vale cheio de coloridos contrastes.

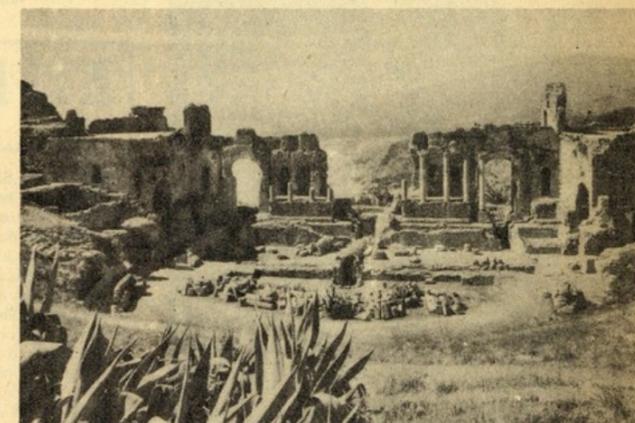
Aqui e acolá, tufos das amendoeiras em flor. Lá longe, a mancha azul do mar, encontrando-se com o céu, faz de fundo à fantasmagórica visão dos templos da Concórdia, de Júpiter e de Castor e Pollux.

E... nos meus apontamentos, a viagem prossegue, vou continuando sempre, através do jardim monumental, por excelência, até Palermo.

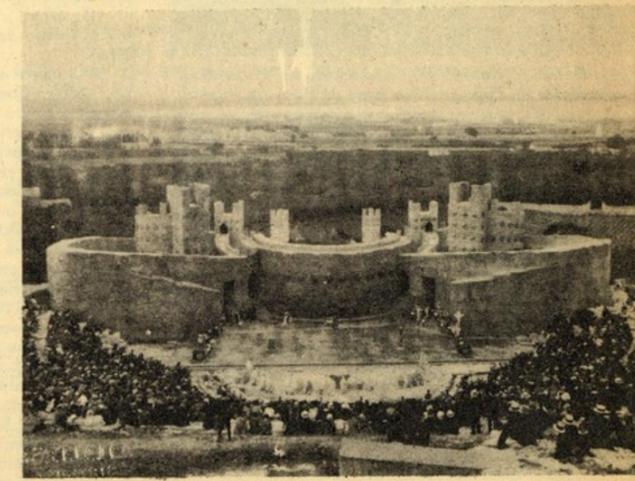
E... agora ao respigar as minhas apressadas notas recordo aqueles templos, aquelas paisagens, aquelas ruínas adormecidas e resistentes com o decorrer dos séculos e das civilizações e que a guerra actual fará sucumbir e desaparecer...



Enna é também um recanto privilegiado da Sicília. Este aspecto da cidade dá-nos o gráu da sua beleza.



A Grécia deitou fundas raízes da sua cultura neste recanto de Taormina, onde se erguem as ruínas do antigo Teatro Grego.



Em Siracusa, fez-se a representação de «Antigone», no Teatro Grego, para os jornalistas que visitaram a Sicília.



A Irmã Kenny examina este grupo de crianças atacadas de paralisia.



Quando chegou a Nova-York, Elisabeth Kenny foi saudada pelo presidente da Fundação Nacional da Paralisia Infantil.



Fisioterapeutas americanos assistem a uma demonstração de Elisabeth Kenny

MILHÕES DE VIDAS SALVAS PELO ATAQUE Á PARALISIA INFANTIL!

ABRE-SE um novo horizonte aos pequeninos que sofrem. A paralisia infantil, esse mal que em cada geração colhe milhões de vidas — vai ter combate sem tréguas, que lho dá uma mulher: Elisabeth Kenny — a Irmã Kenny — uma enfermeira de 55 anos que foi das florestas da Austrália para os hospitais e Universidades da América, onde pôs a correr os seus métodos de combate à paralisia infantil. Está agora na Faculdade de Medicina de Nova-York e daí — é ela quem o diz — só sairá quando tiver «obtido» um sucedâneo: um discípulo, um sucessor tão bom como ela própria, na cura da estranha doença. Entretanto, milhares de fisioterapeutas dos 40 estados da América estão a ser treinados nos processos descobertos pela Irmã Kenny — sem contar com os 200 médicos que, com êxito, estão já a adoptar o novo meio de combate a esse papão trágico da felicidade da criança. O seu curso ministra ensinamentos a médicos cubanos, a médicos, enfermeiros e estudantes dos Estados Unidos. E são por vezes tão imediatos os efeitos da aplicação dos seus métodos que, dois minutos depois — já se podem observar.

— Como se accionam, portanto, os músculos paralisados? — perguntará o leitor.

E a Irmã Kenny, se aqui estivesse, repetiria, como já disse:

— Muito simplesmente, sem sugestões nervosas nem massagens, pedindo ao paciente que procure não fixar um nada o seu pensamento. Depois, trato do músculo afectado...

De facto, a ciência da função muscular não tinha sido ainda devidamente estudada. E foi um irmãozito de Elisabeth Kenny quem abriu à paralisia infantil um novo e talvez definitivo estudo.

Foi há 40 anos. Elisabeth tinha, talvez, 14 anos e um desgosto imenso por ver seu irmãozito sofrer. Começou, então, a ensiná-lo a reeducar os músculos — embora os médicos não acreditassem no seu processo de cura.

O certo, porém, é que, pouco depois, o irmãozito de Kenny fazia progressos — e, com ele, a própria Elisabeth, que ia colhendo com a experiência formidáveis ensinamentos.

Vejamos, entretanto, de que género são as aplicações nascidas de uma experiência dolorosa, de que não andam arredios os melhores motivos de amor fraternal. Com a sua técnica, a irmã Kenny aboliu o antigo costume de imobilizar os membros atacados de paralisia. Contra o que estava estabelecido, ela consegue fazer mover os membros entorpecidos e ensina o doente a fazer uso deles. Fundamentalmente, portanto, a Irmã Kenny assentou os seus princípios em leis novas: a poliomielite não encerra em si a própria paralisia e, de futuro, não voltarão a empregar-se telas e moldes de gesso. Em substituição, aplicar-se-á, de futuro, um tratamento quente que alivie a dor, restaurando depois a função motora ao grupo oposto de músculos.

Treze meses precisou a América para acreditar neste novo evangelho da ciência médica, cujas primeiras páginas foram escritas num pósto isolado de Pilton Hills, na Austrália, onde em 1910, depois do caso do irmão, Elisabeth se encontrou perante a primeira criança atacada de paralisia infantil. Depois, veio a guerra de 1914 e, com ela, a epidemia mundial da paralisia infantil. Lembra-se?

Elisabeth Kenny estava a bordo dum transporte de tropas. Desceu a terra, cuidou dos enfermos, aplicou novos métodos que a experiência aperfeiçoara. Foi aclamada; todas as mães australianas rezaram o seu nome, que hoje está escrito em oito grandes hospitais australianos. A América aprende agora o seu processo de cura. Bem se pode, portanto, dizer: milhões de vidas vão renascer para o trabalho, para o amor e para a felicidade, pela mão de Elisabeth Kenny!...

FERNANDO LOPES GRAÇA

VOLTOU A GANHAR O 1.º PREMIO DO CÍRCULO DE CULTURA MUSICAL



PARIS — O BAILLADO «FEBRE DO TEMPO» — A SORBONNE

O Círculo de Cultura Musical acaba de atribuir o prémio de cinco mil escudos ao compositor Fernando Lopes Graça.

Já em 1941 aquela entidade artística tinha premiado o mesmo musicólogo pelo seu «Concerto» para piano e orquestra, em que Lopes Graça se revelou um compositor de classe.

Há doze anos, no Conservatório, após brilhantes provas, que atraíram o público, Lopes Graça terminara o curso, para logo nêsse ano concorrer a uma cadeira de professor — e ficar em número um. Começou a leccionar, particularmente, e a escrever críticas. A sua tribuna, na «Seara Nova», é uma cátedra de erudição. Mais tarde, a Junta de Educação Nacional abre concurso para bolseiros. O artista concorre. O seu trabalho é apreciado devidamente — e o triunfo mais uma vez lhe sorri — indiscutivelmente fica em primeiro lugar. Mas não chega a utilizar-se da bolsa de estudo — e vai, por honroso convite, exercer o cargo de professor no Instituto de Música de Coimbra.

Quatro anos de presença na velha Atenas Lusa, deixam uma obra — e um caminho aberto para o aperfeiçoamento musical.

A expensas suas, vai a Paris tentar novos rumos de vida e ganha-pão. Convive com artistas de estirpe. No meio de uma civilização cosmopolita erra, também, como os génios que conheceram o infortúnio. A luta pela existência foi-lhe penosa. Fazia tudo — trabalhava em tudo. Um dia, escreve êsse bailado «Febre do Tempo», que foi interpretado no teatro Pigale. Um êxito clamoroso. Frequenta a Sorbonne, na cadeira «História da Música», do célebre musicólogo Paul Marie Masson. É dos primeiros alunos. A Sociedade de Educação Musical de Praga convida-o, durante a exposição de Paris, a tomar parte no seu congresso. Reünem-se os eruditos da música — e Lopes Graça, como à única português presente, lê a sua comunicação: «Que música se deve dar à mocidade?». É felicitado vivamente. Oferecem-lhe lugares. Mas a guerra vem — e o grande artista deixa a França.

MÚSICA PORTUGUESA... À FRANCESA — FOLCLORE, ETC. — OS POEMAS DE MIGUEL FORGA

Na sala do Sindicato dos Músicos abafam-se as últimas palmas. Lopes Graça acaba de receber o prémio — e é abraçado pelos amigos. Vamos solicitar-lhe uma entrevista. O artista sorri. Tem medo de falar em público. Não gosta de afirmações. Responde, porém, de boamente à nossa pergunta:

— Está satisfeito com o prémio?

Os seus olhos têm um claro de vivacidade — e depois:

— Claro! É sempre grato encontrarmos uma recompensa para o nosso esforço. Tenho trabalhado imenso!

Vamos arriscar nova pergunta:

— Que diz do nosso nível musical?

— Alguns progressos temos feito. Acho mesmo que, com um pouco de boa vontade, talvez se encontrasse o caminho por onde há muito devíamos trilhar. A música portuguesa precisa de ser só portuguesa, sem aqueles arrebiques africanizados, aqueles postigos, que lhe tiram a personalidade. Muita gente supõe, porém, fazer música portuguesa é ir ao folclore tirar-lhe três melodias... e pronto. Sabe, eu nem gosto de falar nisto. Tenho escrito muito, tenho batalhado imenso.

Veja, por exemplo, o caso da música espanhola, da russa, da húngara. Todas essas gravitavam, como satélites, em volta daqueles sóis que eram a França, a Alemanha, a Itália. Todavia, a música espanhola tem hoje uma personalidade forte, um carácter étnico que é o próprio da sua gente. O folclore é um material. Precisamos de trabalhá-lo, dar-lhe o brilho clássico...

— Como nas suas 24 canções...

III — A ESPERA

Lento

Fragmento autografado do 3.º número da História Trágico-Marítima (redução para piano e canto).

Lopes Graça sorri novamente. Depois, com entusiasmo:

— Bem vê, não me pertence a mim dizer se são boas ou más. O público gostou. E, como sabe, aquilo não é para toda a gente. As 24 canções portuguesas foram feitas a partir do folclore, mas criando um estilo musical erudito, sem menosprezar a música moderna. Sim, porque a propósito do problema da música portuguesa tem-se feito muita confusão... e muita exploração.

Há uma pausa. O pianista Varela Cid aperta a mão de Lopes Graça, e dá-lhe os parabéns.

Mas há uma pergunta a espicaçar-nos:

— Por que se inspirou nos poemas de Miguel Torga?

— É simples. Sou muito amigo daquele grande poeta. Estava em Coimbra, num curso de férias, quando vi os seus poemas. Vieram depois publicados na revista «Manifesto» — e devem estar a aparecer no livro «Poemas Ibéricos». São, de facto, maravilhosos. São sete, que me serviram como texto para as minhas canções.

— O prémio 1941 foi tocado em Espanha, não é verdade?

— Sim. Pelo grande pianista Leopoldo Querol, acompanhado pela Orquestra Sinfónica de Madrid, dirigida por Pedro de Freitas Branco. A crítica prestou-me as melhores homenagens. Em Portugal pouco se disse...

O PRÉMIO DE 1943 — PROJECTOS... — COMO O COMPOSITOR TRABALHA

A nossa conversa vai agora para o prémio de 1943. Novamente chegam pessoas amigas para o felicitar, mas logo diz:

— Concorri a êste concurso, como disse, inspirado nos poemas de Miguel Torga. O Círculo de Cultura Musical tinha pedido «um ciclo de seis canções» para canto e orquestra. A minha obra compõe-se, porém, de sete canções, todas ligadas, constituindo um verdadeiro poema. Denominei-as: «História Trágico-Marítima». O meu pseudónimo era «O velho do Restêlo»... que, como se viu depois, era um velho de 36 anos, sem barbas... Obedecem a esta ordem: I — Sagres; II — A Largada; III — A Espera; IV — O Regresso; V — O Achado; VI — Tormenta; VII — O Mar. No próximo ano, em S. Carlos, será apresentado em primeira audição. A douta crítica dirá o que se lhe oferecer.

— Quanto tempo levou a compor o seu trabalho?

— Três meses. Mas três meses em que trabalhei insanamente, mais de 10 horas por dia. Parte da composição fi-la em Coimbra; o resto acabei-o em Lisboa, bem como a orquestração.

— Como trabalha? Necessita de ambiente?

— De nada! Eu trabalho por necessidade. Não posso estar à espera que a inspiração me bata à porta. Qualquer recanto me serve, e nem fumo nem bebo.

— Tem alguns projectos?

— Presentemente, sobre trabalhos de música, não! Preparo uns livros. Dois já estão no editor de Lisboa — e outro no Porto. Além disso, a crítica da «Seara Nova» e a «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», de que sou redactor, ajudam-me, razoavelmente, a passar o tempo.

O contínuo vem chamar Lopes Graça ao telefone. Mais cumprimentos. Despedimo-nos — com um aperto de mão. A entrevista estava feita.

Vinhamos no meio da escada, quando o compositor, muito sério, nos disse:

— Agora, não ponha isso na revista! Eu não gosto de entrevistas!

— Não senhor! Fique descansado...

MANUEL MARTINHO



Lana Turner, considerada a mais perfeita beldade da Cinelândia.

7 dias de CINEMA

Por FERNANDO FRAGOSO

Se a analizarmos atentamente, veremos que a fotografia, a caracterização, os «decors», o próprio registo de som atingiram, nos nossos dias, uma perfeição, que a película de há oito anos não acusa. Verificaremos ainda que o «estilo» da narrativa, embora, identificado, por vezes, com a época que reconstitui, acusa a preocupação do «gag» e do «pormenor», em prejuizo da própria fluência da linguagem cinematográfica.

Mas, a par disso, que deliciosas notas de encanto e de bom humor; que inteligente aproveitamento dos trechos eternos da opereta; que espirito nos diálogos; que esplendor de «decors». «A Viúva Alegre» com esse Danilo insubstituível, que é Chevalier, ficará, no cinema, como a obra de Lehár no Teatro, incluída na escassa lista de produções que «o tempo não levou»...

POBRE Shirley Temple!

Parece-me que estou a vê-la com os seus caracóis loiros, a saia rodada muito por cima do joelho, os sapatinhos à bebé, nimbada pela ternura da sua graça ingénua e infantil. Embora cantasse e dançasse, não tinha o ar da menina-prodígio que faz habilidades a pedido da família. E quando ela juntava as mãos para resar, e pedir a protecção do Céu, as plateias emocionavam-se, limpavam uma lágrima furtiva, e Shirley, na sua camisinha de noite, apagava a luz e adormecia com a certeza de que Deus havia de ouvi-la e deferir com a sua bênção a causa advogada.

Durante anos e anos, Shirley foi o sonho de todos os casais sem filhos, a menina amimada de milhões de espectadores, o enlêvo das crianças e a alegria dos adultos. Protagonista de histórias cor de rosa, aparecia sempre como um anjo da guarda, a velar, inconscientemente, pela paz reconfortante do lar, a reconciliar casais desavindos, a congregar, em torno de si, esforços e energias dispersas. A sua presença era um bálsamo, que suavizava dores e curava as almas doentes...

Mas Shirley cresceu... Cortou os caracóis... E após um longo interregno surgiu em «A Filha Abandonada». Desilusão!... A adolescente conservava os traços fisionómicos doutros tempos. Mas encontrava-se na «idade do armário» — naquela idade em que as garotas deixaram de ser crianças e não são ainda mulheres, e não encontram solução para o problema: pois se não tem idade para folguedos infantis, ainda menos se lhes pode exigir que se comportem como pessoas crescidas...

Hollywood reincidiu... E depois de «A Filha Abandonada» — abandonada pelo cinema, pelo público e até pelo talento — surgiu a «Pequena Heroína», no seu primeiro filme de amor...

Pobre Shirley!... Enquanto Hollywood pôde impôr a sua graça ingénua de menina — triunfou. Agora que no-la apresenta no seu primeiro beijo de amor, com o «exciting» da iniciação — Shirley mete dô...

E chegámos a esta conclusão desoladora — a despeito dos seus treze anos, a carreira de Shirley Temple terminou. A vedeta está a pedir reforma!

«A Viúva Alegre» reapareceu, oito anos volvidos sobre a data da sua estreia, na mesma sala que pela primeira vez a revelou ao público alfacinha. Lá fora é corrente esta prática de repôr, na época de verão, os filmes que fizeram êxito noutros tempos. E as «re-issues» são acolhidas com alvoroço, porque as plateias preferem, a um filme duvidoso que ainda não viram, a revisão daqueles que perderam entre as suas mais gratas recordações.

«A Viúva Alegre» resiste, brilhantemente, à acção do tempo. Dir-se-ia um espectáculo de hoje, porque ainda hoje interessa, sem dificuldade, o espectador exigente! E verificamos que o cinema, embora tenha progredido muito no aspecto técnico, parece ter estagnado no que se refere a concepção de espectáculo. Obra-prima de graça e de ironia, com o sabor das histórias parisienses, deliciosas e picantes — a película de Lubitsch pode considerar-se o filme padrão dum género e duma época!

Milu partiu para Espanha. Vai ser a protagonista de «Dôze Luas de Mel», filme que o cineasta húngaro Ladislau Vajda dirigirá. A «Luizinha» de «O Costa do Castelo», vedeta da Rádio que o público conhece desde menina, deu, assim, um passo decisivo na sua carreira, aparentemente tão longa para uma rapariga de dezasseis anos.

Milu merece a distinção. Tem talento e uma vontade decidida de vencer. É trabalhadora e disciplinada. E quem a viu actuar no estúdio, com um «profissionalismo» que poucas vezes se encontra, sabendo sempre o seu papel, sem uma hesitação, não duvidará acerca do triunfo que vai alcançar em Espanha — país tão pobre de vedetas no seu género, onde não há uma actriz que se lhe assemelhe.

E, já agora, vem a propósito relatar o seguinte:

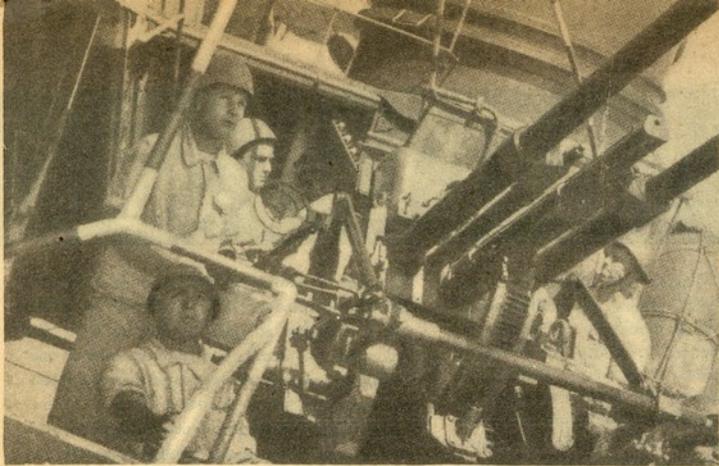
O argumento do filme que Artur Duarte está preparando, «A Menina da Rádio», é até certo ponto inspirado na carreira da Milu. Ora acontece que na história, de que Milu será protagonista, «A Menina da Rádio», depois de triunfar em Portugal, recebe um contrato para Espanha... O filme termina com tão jubilosa notícia...

Quando João Bastos escreveu o argumento, a possibilidade da partida da Milu era encarada como uma quimera. Não porque lhe faltassem méritos para tanto, mas porque, até hoje, nunca o cinema espanhol se interessara pelas nossas artistas.

Milu, afinal, partiu para Espanha antes de filmar «A Menina da Rádio». A realidade, por vezes, excede a própria fantasia.

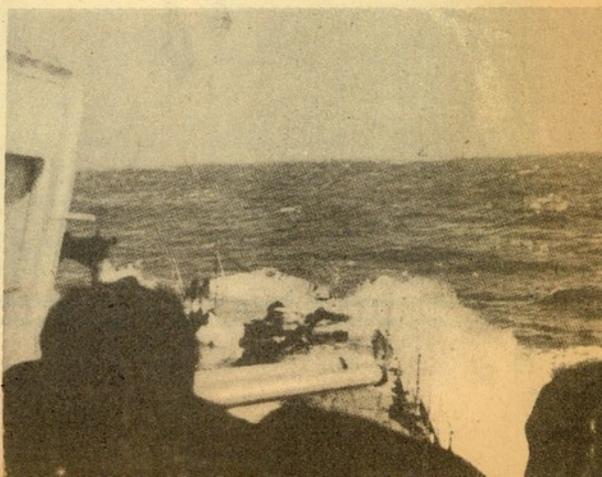


Jeannette Macdonald, Maurice Chevalier e Fifi d'Orsay, numa cena de «A Viúva Alegre»



A MARINHA DE GUERRA ITALIANA NO Mediterrâneo

Onde vai atacar a
marinha italiana que
se encontra no Medi-
terrâneo? Sabe-se que
deixou os seus postos
de observação — mas
não se sabe quando
e onde vai ser posta
em acção. Esta pá-
gina mostra-nos a vi-
gilância dos barcos
de guerra e as defe-
sas anti-aéreas de
bordo, prontas para
um ataque eficiente.



Qual é a sua Opinião? DEVEM OU NÃO EMPRESTAR-SE LIVROS?

O caso nem é novo nem secreto: anda de boca em boca, porque uns dizem que os empréstimos de livros não melhoram ninguém e outros dizem que sim. Valia a pena, portanto, trazer para o domínio público a opinião dos mais interessados no assunto: os que editam e os que escrevem livros para comprar ou emprestar. Foi isso o que fizemos — mas pelo que se segue, o leitor ficará a saber que pode continuar ou não a ler livros emprestados, porque o empréstimo, se é defendido por uns, é atacado por outros. E, assim, enquanto o pau vai e vem...

FERREIRA DE CASTRO

O autor da «Selva», com as suas oitenta edições em catorze países, responde ao nosso inquérito:

— «Emprestar um livro é, para muitas pessoas, um acto de coragem; devolvê-lo é, para outras, um acto de abnegação. Entendo, porém, que hêste caso é bonito que uns sejam corajosos e outros abnegados. Convém fazer à nossa consciência esta pergunta: — «o empréstimo dos livros traz

prejuízos ao autor?». Quando se trata duma obra boa mas pouco conhecida, a sua divulgação, mesmo por empréstimo, só pode ser útil ao autor. Se, pelo contrário, se trata dum livro em volta do qual há grande curiosidade, evidentemente que o empréstimo prejudica os direitos que o autor recebe. Mas, acima dos interesses materiais do escritor, devem estar os interesses espirituais da colectividade — e é certo que, devido à sua precária situação económica, muita gente só pode fazer boas leituras, graças a livros emprestados.

O DR. JOÃO GASPAR SIMÕES.

que é romancista, suspende um trabalho de crítica que estava a escrever e levanta-se para responder:

— Eu lhe digo, como leitor, é sempre com alegria que faculto a outros os livros que me proporcionaram profundas emoções intelectuais. O sentimento de admiração não é egoísta, por isso custa-me a compreender que haja leitores incapazes de partilharem com o semelhante as suas grandes admirações. É como leitor que falo, não falo como bibliófilo ou coleccionador de livros. A humanidade é fraca e portanto não podemos levar a mal que haja indivíduos tão ciosos dos seus livros, que nem sequer lêem, como de um tesouro enterrado no quintal da sua casa...

— E como escritor?
— Como escritor, lamento que a instituição dos empréstimos seja tão corrente em Portugal como a instituição das ofertas. Já uma vez o escrevi: em Portugal o respeito pelo trabalho dos escritores é coisa que não existe. Eis porque toda a gente se julga no direito de receber de graça os livros que o escritor escreve com o suor da sua pena... Todos os clubes recreativos e desportivos têm as suas verbas para desportos e passa-tempos; uma verba não figura, porém, nos seus orçamentos: a dos livros. A cada passo estou a receber circulares de associações recreativas pedindo a oferta dos meus livros. Isto devia acabar. Devia

acabar isto e o empréstimo de livros. Talvez fosse a única maneira de os escritores portugueses não serem todos mais ou menos amadores.

ARTUR PORTELA.

um jornal dentro de um jornalista moderno, vê assim a nossa pergunta:

— Entendo que os livros devem ser emprestados, até mesmo dados, como o povo faz nas sosas aldeias, num gesto de fraternidade, com o fogo e com o sal. De resto, estes dois elementos são simbólicos. O fogo da vida é o sol do espírito. A maior parte daqueles que lutam pela inteligência e pela beleza não têm o necessário para comprar um livro. Quasi toda a minha cultura foi feita com livros emprestados, serões no convento de S. Francisco e obras compradas nos nossos alfarrabistas que não têm, positivamente, o pitoresco dos Anatole France. É claro que esta doutrina é contrária aos editores e aos autores — no último dos quais, modestamente, me enfileiro.

— Constitue este dilema uma questão insolúvel?
— De modo algum. A multiplicação de bibliotecas municipais, em que as obras seriam escolhidas pelos leitores, a criação de gabinetes de leitura, como dantes existiam adestritos às livrarias e ainda a edição de grandes obras a preços, de facto, económicos, podiam constituir elementos para a solução do problema. Numa palavra: dá de beber a quem tem sede!

ANTÓNIO MARIA PEREIRA

é editor e presidente do Grémio dos Editores. Está tudo dito, portanto, se o apresentarmos como um dos grandes animadores da Feira do Livro. Eis a sua resposta — que é uma definição:

— Sou de opinião que sim; livro emprestado é livro dado à leitura e, portanto, elemento de expansão da literatura. Quem lê emprestado é porque não pode ou não quer comprar; e se a leitura o impressionou não resistirá a comprar o livro que leu, ou outro do mesmo autor ou sobre o mesmo assunto. Isto, partindo do princípio de

que a pessoa que leu emprestado é da qualidade de restituir o volume. Mas mesmo que seja da qualidade de só ler livros «emprestados» sem intenção de os restituir, sou ainda da opinião de que esses empréstimos são vantajosos, principalmente para o livreiro, porque, quem leu emprestado não pensa em comprar e quem emprestou terá de comprar novos volumes para preencher os desfalques que os empréstimos provocam na sua biblioteca. Em conclusão: toda a gente deve emprestar livros... excepto os livreiros.

DR. SAMUEL MAIA.

o autor do «Sexo Forte» e «Dona sem Dono», como membro da Academia das Ciências, devia de algum modo reflectir um douto parecer sobre a nossa pergunta:

— «Acha que os livros se devem emprestar?»
Respondeu-nos a sorrir:
— Muitos livros me emprestaram de que bom proveito colhi!... Nunca me apessei de nenhum. Emprestei centos de livros que me não voltaram às mãos. O bom serviço recebido obriga-me a prestá-lo a desfavorecidos como eu fui, apenas restrito por moralidade prática sempre à vista quando me pedem algum que não me faça falta, nem seja dos inseparáveis: «Antes de emprestar, olhar a quem...». Conheci dos que sempre pedem um cigarro por serem fumadores, sem entrarem na tabacaria. De equivalente conheço os leitores vorazes que nunca entraram nas livrarias e bibliotecas. Com estes bibliófilos ferrenhos toda a cautela é pouca. Tanto está em conhecê-los. A dificuldade do «diagnóstico» fará com que até à morte empreste livros, por hábito, por gosto de contagiar no vício da leitura os que não me deixam adivinhar se entregam ou não o volume confiados.

ARMANDO MARTINS DE FIGUEIREDO.

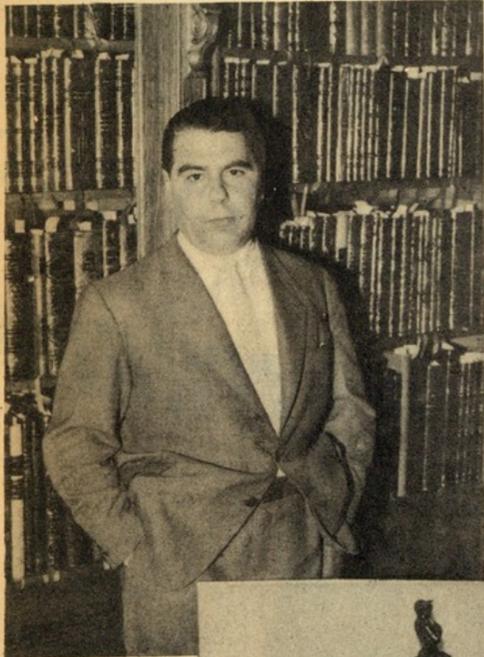
outro editor que quisemos ouvir, para fechar este inquérito, assim nos respondeu:

— Não, senhor, os livros não se devem em-

prestar. É preciso acabar com essa ideia. Nem os livros, nem os jornais. Conheço famílias que dão um tostão para ajuda do periódico. Pois anda o jornal, escada acima, escada abaixo. Claro, se fosse um caso de indigência, compreendia-se. Mas não. Há dinheiro para tudo. Para ir ao cinema três vezes por semana e beber chá, porque é chique e dá nas vistas. Pois ninguém se lembra de dizer: «não vou ver aquela fita dos cavalos e compro aquele volume do Eça ou de qualquer autor. Isso. Querem ler, pedem ao vizinho. Depois esquecem-se de entregar, ou, quando entregam, se for senhora, traz dedadas de «baton», se for homem vem sujo de cinza de cigarro. Eu não empresto. Devia-se mesmo formar uma liga contra o empréstimo dos livros. Em Portugal há um hábito tremendo. O escritor faz um livro e pede logo ao editor cem exemplares para oferecer aos amigos. E por quê? Porque todos querem apesar de amigos... ler de graça. Ninguém pede ao sapateiro, nem ao alfaiate, um par de botas ou um fato. Mas ao escritor pede-se logo. Todavia o que ele fez, acho eu — a não ser, claro, o escritor rico — é para se vender... como obra. Tenho dado muitos livros, para bibliotecas pobres, sociedades de recreio. Repare nisto. Mandam circulares pedindo o auxílio dos editores. Acham que a nós, que vivemos disto, nada nos custa oferecer. Em todo o caso essas colectividades têm dinheiro para os baralhos de cartas, para «ping-pong» — o bilhar, etc. Acho que toda a gente, na medida das suas possibilidades, deve comprar livros. O livro é um elemento de cultura tão preciso, que só se deve emprestar quando se saiba que se vai adquirir um comprador.

* * *

E aqui tem o leitor o que nos disseram os homens que escrevem e vendem livros. Faltou, naturalmente, interrogar aqueles que os não escrevem nem vendem: os que os lêem, sejam ou não por dinheiro. Mas, isso, já era outro capítulo mais complicado. E o melhor é não dizer nada!...



João Gaspar Simões pensa, talvez, no «Pantano» que emprestou a um amigo e nunca mais lhe foi parar às mãos...



Ferreira de Castro, na sua biblioteca, que não tem nem um livro emprestado...



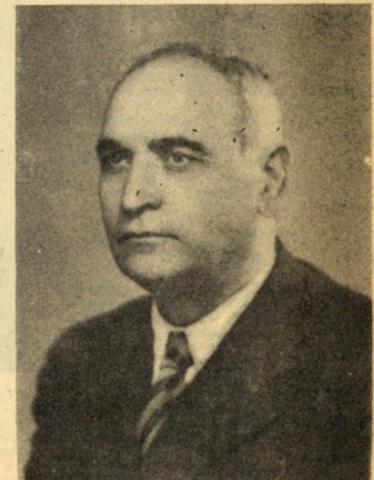
António Maria Pereira não estará a escrever a alguma «Sociedade Cultural» que queira instruir os sócios, com os livros dos outros?



Artur Portela assim atento, só se está a pedir a devolução de algum livro que emprestou...



Armando Martins de Figueiredo tem uma secretária onde há de tudo, menos cartões a pedir livros — que vão logo para o cesto...



O Dr. Samuel Maia leu muito, por empréstimo. Por isso, empresta também. O leitor já sabe, quando precisa...

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XX - o trabalho da diplomacia

3

A CONFERÊNCIA DO RIO

No dia 8 de Janeiro de 1942 o sr. Sumner Welles, sub-secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros dos Estados Unidos, acompanhado pelos restantes membros da delegação do seu país, deixava Washington afim de se dirigir ao Rio de Janeiro onde ia realizar-se a terceira conferência pan-americana convocada desde o início das hostilidades. A primeira dessas conferências realizara-se no Panamá em Setembro de 1939, e nela os Ministros dos Estrangeiros de 21 repúblicas americanas tinham afirmado o princípio da solidariedade ocidental declarando, ao mesmo tempo, a sua neutralidade e criando uma zona de segurança tão discutida como fantasiosa à volta das Américas. Em Julho de 1940 os mesmos ministros voltaram a encontrar-se em Havana, afim de encararem as medidas de protecção e adoptar na referida zona em consequência da extensão das vitórias alemãs alcançadas na Europa. Na conferência de Havana as repúblicas nela representadas afirmaram enérgicamente o propósito comum de não consentirem na transferência de qualquer território da situação a qualquer território da América do hemisfério ocidental, pertencesse a uma potência europeia para a soberania doutra potência europeia. Finalmente concluíram um acordo nos termos do qual cada uma das repúblicas americanas considerava que um acto de agressão praticado contra qualquer delas por um estado não-americano devia considerar-se como um acto de agressão praticado contra todas.

A conferência do Rio de Janeiro era a consequência inevitável da conferência de Havana e do acordo a que nela se havia chegado. Entre uma e outra, uma nação americana, os Estados Unidos, havia sido objecto dum ataque por parte dum potência não-americana, o Japão, depois do que duas outras potências não americanas, o Reich e a Itália, lhe haviam declarado guerra. Entretanto as pequenas repúblicas da América Central, Panamá, Cuba, S. Salvador, S. Domingos tinham tomado a iniciativa de declarar guerra às potências signatárias do Pacto Tripartido, e três outras repúblicas americanas, o México, a Colômbia e a Venezuela, tinham com elas cortado as relações diplomáticas.

A ATITUDE DO GOVERNO ARGENTINO

Todos estes países tinham estreitas relações de amizade com os Estados Unidos, relações criadas nuns casos por motivo de ordem geográfica, noutros por motivos de ordem económica e noutros ainda por motivos de ordem estratégica. Era esse facto que explicava fundamentalmente a iniciativa, desde logo tomada pelos respectivos governos, de declararem a guerra ou de cortarem as relações diplomáticas com os países do Eixo. As outras repúblicas americanas tinham um desenvolvido sentimento continental, mas o grau e a natureza das suas relações com os Estados Unidos eram diferentes e no caso de duas delas, a Argentina e o Chile, ha-

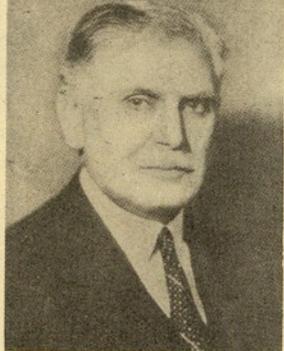
via mesmo uma certa divergência de pontos de vista em relação à política externa seguida pelo governo de Washington.

A Argentina era, de todos os países da América do Sul, aquele que sempre tinha feito uma política externa diferente da que era geralmente seguida em Washington e era também o que tinha uma noção mais forte dos laços de vária ordem que o ligavam à Europa. Acontecia, ao mesmo tempo, que a vida económica do país dependia, em grande parte, do funcionamento regular dos mercados europeus. Este conjunto de circunstâncias fizera sempre com que, nas conferências pan-americanas, o governo argentino tomasse uma posição à parte embora não tomando nunca a iniciativa de quebrar a solidariedade continental ou de estabelecer uma divisão profunda quando se tratava de assentar nos princípios gerais que deviam traduzir essa solidariedade.

Os aspectos essenciais da política interna argentina não deixavam de concorrer para essa atitude. O presidente da república, sr. Ortiz, era um radical cujas tendências simpatizantes com os Estados Unidos se tinham tornado conhecidas. O vice-presidente, sr. Ramón Castillo, era um conservador que desejava manter o seu país neutral e fora das contingências dum eventual beligerância. O sr. Ramón Castillo assumira o exercício do poder por motivo de doença grave do presidente Ortiz e afirmara, desde logo, o propósito de seguir, em matéria de política externa, uma linha de conduta diferente daquela que tinha sido adoptada por este último.

OS TRABALHOS DA CONFERÊNCIA

A conferência do Rio de Janeiro efectuou a sua primeira sessão no dia 15 de Janeiro e designou para seu presidente efectivo o ministro das



Dr. Ramón Castillo, antigo Presidente da República Argentina

Relações Exteriores do Brasil, Dr. Oswaldo Aranha. Desde o primeiro dia se tornou evidente que a Argentina, que estava representada na conferência por uma delegação a que presidia o seu Ministro dos Negócios Estrangeiros, sr. Ruiz Guinazu, não aprovaria quaisquer medidas que por-

ventura viessem a ser adoptadas no sentido de conduzir as repúblicas americanas para o estado de beligerância nem aceitará mesmo o princípio da quebra de relações diplomáticas com os países do Eixo. A delegação chilena, que começara por manifestar certas hesitações, acabou por se declarar ao lado da Argentina.

Na sessão de 16 de Janeiro os representantes do México da Colômbia e da Venezuela apresentaram uma proposta para que as repúblicas da América Central e do Sul cortassem imediatamente as relações diplomáticas, comerciais e financeiras com o Reich, a Itália e o Japão. O representante da Argentina fez imediatamente uma declaração acentuando que o seu país não desejava adoptar uma posição extrema mas que aceitava uma fórmula de transição a qual consistia em passar do estado de neutralidade para o estado de não-beligerância. Durante uma semana, de 16 a 23 de Janeiro, as sessões públicas revestiram-se dum carácter puramente formal pois todo o trabalho das delegações se realizava principalmente nas ante-câmaras e corredores procurando-se encontrar uma solução conciliatória que evitasse a quebra da unidade continental até ali afirmada. No dia 20, o presidente Castillo anunciava, porém, em Buenos Aires a sua resolução de observar uma estrita neutralidade em relação a todos os países de qualquer continente, com excepção dos Estados Unidos, concedendo em considerar este último como potência não-beligerante.

UMA UNIDADE FORMAL

Nas reuniões privadas que efectuaram os membros das várias delegações o representante dos Estados Unidos chegou à conclusão de que não seria possível demover o governo argentino das suas intenções. Tornou-se portanto necessário ao sr. Sumner Welles aceitar para a conferência uma das seguintes conclusões: deixar que se rompesse a unidade continental afirmada nas conferências anteriores, ou aceitar uma fórmula conciliatória que tivesse em conta os pontos de vista do governo de Buenos Aires. Foi finalmente por este último caminho que se optou.

Em vez de terminar por uma resolução firme e clara, os trabalhos da conferência do Rio concluíram-se por uma afirmação de princípio e por uma recomendação. As 21 repúblicas representadas na conferência declararam unanimemente que «de acordo com os princípios estabelecidos pelas suas próprias leis, e dentro da posição e das circunstâncias anteriores, a cada uma delas no conflito que suscitara, recomendavam o rompimento de relações diplomáticas com o Reich, a Itália e o Japão visto que um destes países havia atacado uma república americana e os outros lhe haviam declarado guerra». Esta recomendação, era evidente, podia ser ou não seguida pelos próprios estados que a haviam adoptado e, no caso de ser seguida, o rompimento nela preconizado podia levar mais ou menos tempo a traduzir-se em actos concretos.

Salvava-se assim a unanimidade mas uma unanimidade formal que recomendava em vez de impôr qualquer decisão. E apesar das declarações congratulatórias com que se encerraram os trabalhos da conferência ninguém tinha dúvidas de que os países nela representados acabariam por



Dr. Oswaldo Aranha, ministro das Relações Exteriores do Brasil

tomar a atitude que os respectivos governos considerassem mais conveniente.

A ATITUDE DE ALGUMAS REPÚBLICAS AMERICANAS

Ainda antes de terminarem os trabalhos da conferência (28 de Janeiro) o governo do Perú, seguindo o exemplo do México, da Colômbia e da Venezuela, anunciou oficialmente a intenção de quebrar as relações diplomáticas com as potências do Eixo. Em 26 de Janeiro, o Uruguai seguiu-lhe o exemplo, anunciando, ao mesmo tempo, a intenção de tratar a Grã-Bretanha como potência não beligerante. A Bolívia e o Paraguai, que ainda recentemente haviam conduzido uma luta enérgica a propósito de reivindicações territoriais, procederam de maneira idêntica. Durante os trabalhos da conferência os representantes das potências do Eixo no Rio tinham-se avistado com o ministro das Relações Exteriores dr. Oswaldo Aranha, procurando conhecer as intenções do Brasil e sendo-lhes nessa altura afirmado que o governo brasileiro se considerava ligado pelas suas obrigações em relação às demais repúblicas americanas e que não tomara antes qualquer atitude, considerando a consistência com os seus interesses, para evitar, tanto quanto possível, a desagregação do bloco A. B. C. (Argentina, Brasil, Chile). No dia 27, porém, o presidente da república do Brasil, dr. Getúlio Vargas, assinou o decreto cortando as relações diplomáticas do seu país com as potências do Eixo. No dia 28, coincidindo com o termo da conferência, o Perú e o Equador, que também por motivo de reivindicações territoriais tinham estado em luta durante muito tempo, concluíram um acordo de delimitação de fronteiras que punha termo às suas demoradas divergências.

Verifica-se assim que uma parte das repúblicas americanas aceitava a recomendação final da conferência do Rio como um mandato imperativo a executar imediatamente, enquanto ou-

tra parte atribuía o carácter puramente platónico a essa recomendação, continuando a fazer a sua própria política externa como até ali.

A ADEÇÃO À CARTA DO ATLÂNTICO

Um outro motivo havia ainda que era de molde a não causar grande satisfação em Washington. Uma proposta de origem norte-americana para



que todos os estados representados na conferência dessem a sua adesão à carta do Atlântico teve de ser abandonada em consequência da atitude do Brasil. A delegação brasileira declarou que considerava a carta do Atlântico como um documento bilateral celebrado entre uma potência americana, os Estados Unidos, e uma potência europeia, a Gran-Bretanha, que não interessava nem devia obrigar as restantes potências americanas no momento em que estas afirmavam a sua solidariedade continental. A conferência aprovou por unanimidade uma resolução nos termos da qual cada um dos estados nela representados passaria a exercer uma estreita fiscalização nos serviços de correios, telégrafos, telefones e radiodifusão comprometendo-se a reprimir todas as manifestações subversivas que se produzissem no seu território.

A conferência teve ainda de se ocupar dos aspectos económicos da crise provocada pela duração da guerra em outros continentes. Calcula-se que, já nessa altura, a falta de mercados europeus para os produtos de origem americana, com excepção dos Estados Unidos, se traduzisse por um prejuízo superior a 100 milhões de libras. Este prejuízo só podia, evidentemente, ser coberto, no total ou em parte, desde que os Estados Unidos pudessem aceder a substituir os clientes europeus envolvidos na luta e praticamente empobrecidos. De facto o governo de

Washington estabelecera, entretanto, acordos comerciais e económicos com várias repúblicas sul-americanas dizendo esses acordos principalmente respeito às matérias-primas que podiam interessar às indústrias de guerra dos Estados Unidos. Por seu lado o governo de Washington consentia em incluir essas repúblicas no número dos países que beneficiavam da aplicação da lei de empréstimo e arrendamento enviando-lhes sobretudo material de guerra.

UM CONSELHO ECONÓMICO

Esta política económica, feita sobre a base das necessidades de guerra duma grande parte do continente americano, fizera-se sem qualquer agente de coordenação até à reunião da conferência do Rio. Mas as delegações ali representadas, sobretudo a delegação dos Estados Unidos, reconheceram que a prosseguir-se nesse caminho não tardaria a produzir-se uma descordia económica continental que, seguindo-se à falta dos mercados europeus podia ser de consequências funestas para a economia americana. Por isso assentaram em criar um conselho consultivo para os assuntos económicos e financeiros inter-americanos o qual devia funcionar em Washington e organizar a economia continental sobre a base das novas necessidades. Este conselho estabeleceu o principio da igualdade de direitos das várias repúblicas ao uso das matérias-primas continentais e ao exercício do comércio inter-continental e estabeleceu o principio da preferência, em todos os casos possíveis, para os produtos de origem americana a adquirir por cada uma das repúblicas interessadas.



Estabeleceu-se assim praticamente uma doutrina de Monroe para a economia continental, não sendo fácil dizer se essa doutrina será integralmen-

te aplicada apenas durante a guerra ou se as suas repercussões continuarão a fazer-se sentir mesmo depois de restabelecida a paz e qualquer que seja o resultado da luta.

Por seu lado os governos de Washington e do Rio de Janeiro estabeleceram acordos especiais para o fornecimento dos capitais necessários a uma exploração intensiva da bacia do Amazonas. Na celebração desses acordos influiu o facto de terem sido perdidos para a economia norte-americana os grandes centros de produção de borracha da Malásia e das Ilhas Holandesas quando estas foram ocupadas militarmente, como consequência da ofensiva que o Japão conduziu no continente asiático e no Pacífico durante o primeiro semestre de 1941.

O CHILE E O URUGUAI

Coincidindo com a actividade diplomática registada no continente americano produziram-se, em algumas repúblicas do hemisfério ocidental, modificações de ordem interna que



deviam ter as suas repercussões no plano da política continental. No Chile realizou-se a eleição presidencial à qual concorreram dois candidatos, o sr. Juan Antonio Rios e o General Carlos Ibañez. No programa do primeiro figurava o propósito de intensificar as relações com os Estados Unidos e praticar uma política, tanto quanto possível, de acordo com o governo de Washington. O general Ibañez, afirmando embora a sua simpatia pelos Estados Unidos, declarava-se disposto a seguir uma orientação de tipo nacional independente das sugestões do departamento de Estado. O primeiro era um colaboracionista, o segundo desejava manter a linha definida pela delegação chilena na conferência do Rio de Janeiro. A eleição resolveu-se a favor do sr. Rios que assumiu imediatamente os poder-

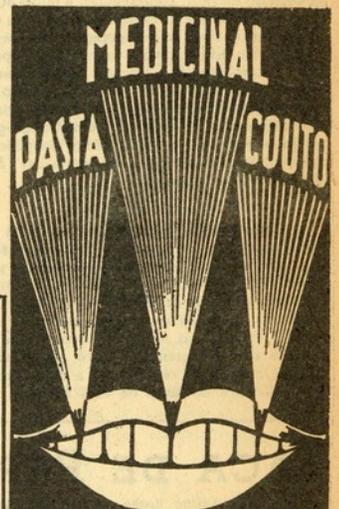
res presidenciais, apesar de só no dia 1 de Abril terminar oficialmente o mandato anterior.

No Uruguai o presidente da república, sr. Baldomir, apresentou-se



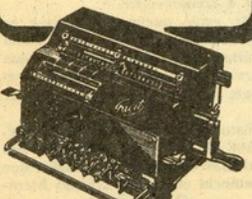
como o mais decidido executor das recomendações da conferência do Rio em oposição ao senador Herrera, cujo partido dispunha duma larga representação no governo e no Senado. No dia 22 de Fevereiro, o presidente Baldomir dissolveu o Senado e adiou as eleições que tinham sido marcadas para o dia 29 de Março. Em Montevideo as tropas tomaram os pontos mais importantes da cidade e o presidente Baldomir dirigiu uma proclamação ao país reconhecendo que a sua atitude era inconstitucional mas acrescentando que ela fora ditada pelas exigências do interesse nacional e que, na sua opinião, teriam o apoio da maioria da população do país. Estas transformações de política interna, registadas tanto no Chile como no Uruguai, contribuíram para que estes dois países modificassem posteriormente a linha de conduta inicial da sua política externa.

(Continua)



TRATA
gengivas descarnadas
ou sangrentas
EVITA
estomatites mercuriais
ou biarmuticas
MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves
Couto, L^{da} Pôrto

Cálculos rápidos só com FACIT



Só com 10 teclas. Contróle de inscrição. Transporte total das decimas nos 2 registos. Cómada para pôr a zero. Mecanismo completamente fechado.

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO AMERICANA, L^{da}
Rua do Prata, 145 | R. Sá da Bandeira, 430
LISBOA | PÔRTO

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 73

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

11

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 72

HORIZONTAIS: 1—Pisem. 2—Abrilhanção. 3—Ocastão. 4—Abrev. Ar. 6—Relâmpago. 7—Ir; Lei; Uf. (antes do meio dia); Instrumento de 8—Acertimonia. 9—Ir; Ia; En; Pé. padejar. 5—Duas vezes; Oceano. 6—10—Audaz; Romão. 11—Ro; Os; Arzam; Cidade do Brasil. 7—Arrás; Nô; Er. 12—Ana; Ova; Ara. 13—Treatmental. 8—Nota musical; Ape-Lama; Lur.

VERTICAIS: 1—Grande actor cómico português. 2—Cidade da Itália. 3—Único (pl.). 4—Escarnece; Perversa. 5—Raiva; Grande porção. 6—Macio; Mulher bela. 7—Têm; Ligo. 8—Preposição; Língua que outrora se falava ao sul do Loire. 9—Obstáculo. 10—Cidade da França. 11—Capital da Venezuela.

HORIZONTAIS: 1—Embófia. 2—Barba; Rural. 3—Avir; Ria; Dona. 4—Lo; Inércia; Am. 5—Saii; Razo. 6—Da; Ati; Só. 7—Rememos. 8—Rã; Pio; Na. 9—Sara; Nero. 10—Es; Beguino; Au. 11—Tapa; Oia; Mera. 12—Alada; Parar. 13—Erróneo.

VERTICAIS: 1—Bala; Meta; 2—Avo; Dor; Sal. 3—Ri; Sar; As; Pá. 4—Ébria; Abade. 5—Mã; Nu; Ré; Ar. 6—Relâmpago. 7—Ir; Lei; Uf. (antes do meio dia); Instrumento de 8—Acertimonia. 9—Ir; Ia; En; Pé. padejar. 5—Duas vezes; Oceano. 6—10—Audaz; Romão. 11—Ro; Os; Arzam; Cidade do Brasil. 7—Arrás; Nô; Er. 12—Ana; Ova; Ara. 13—Treatmental. 8—Nota musical; Ape-Lama; Lur.

“VIDA MUNDIAL ILUSTRADA”, é composta e impressa nas Oficinas Gráficas Bertrami (Irmãos), L^{da}—Travessa da Condessa do Rio, 27—Lisboa.—Distribuidores exclusivos para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º—Telefone 2.6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Dos livros e DOS HOMENS

★
POR LUIS FORJAZ TRIGUEIROS

APONTAMENTOS

O «Diário Popular» lançou, há dias, nas suas colunas, uma ideia a que não se pode recusar o mais caloroso aplauso: a comemoração, em 1945, em Portugal, do primeiro centenário de Eça de Queiroz. Segundo aquele jornal, só na Academia Brasileira de Letras a ideia foi devidamente considerada no que respeita ao Brasil, onde como se sabe, Eça de Queiroz tem um público ainda mais numeroso e fiel do que no seu próprio país. A verdade é que Portugal não pode ficar indiferente a um acontecimento que superiormente interessa à consciência espiritual da Nação. Ou não foi o próprio Eça de Queiroz que escreveu: «uma nação só é grande porque pensa»? Eça de Queiroz ensinou Portugal a pensar — e a escrever. Isto é: Eça de Queiroz engrandeceu Portugal.

O «Diário Popular» tem sugerido, sucessivamente, a edição de colecções populares e de luxo da obra do escritor, conferências, a publicação possível, de inéditos, etc. Parece-nos que seria a altura de organizar uma *éciana* completa, o que talvez não seja tão difícil como à primeira vista pode parecer. E sobretudo — também nisto estamos de acordo com o «Diário Popular» — que não se caia na comemoração académica, enfatuada, parada de acacianismos e de Acácios, com «fungá-gás» de burgo provinciano e flores secas no pedestal do monumento. Poupe-mos a memória de Eça de Queiroz a esse vexame!

★ ★ ★

É a propósito de Eça de Queiroz: Luis Oliveira Guimarães — um nome que nesta casa só conta legítimas e justas simpatias — acaba de publicar na «Colecção Gládio» um pequeno volume: «As mulheres na obra de Eça de Queiroz». Oliveira Guimarães é um temperamento subtil de comentador e crónista; o seu novo livro — que vamos ler com a devida atenção — será, sem dúvida, ensaio de penetrante observação a determinado aspecto da obra do autor de «Os Maias».

FACA DE PAPEL

- João Lello acaba de publicar um novo livro de contos «Os deuses voltaram».
- Um novo escritor: Eduardo Azevedo, autor de «Vidas Rosas», romance, (Portugália Editora).
- Armando Ferreira publicou mais um livro de contos: «Os meus fantoches» (Livraria Guimarães).
- O Doutor Agostinho de Campos compilou, para a Livraria Bertrand, as suas crónicas semanais ao microfone da Emissora Nacional e reuniu-as num volume: «Falas sem fim».
- O livro de estreia de Ramos da Cunha chama-se «Lá fora o sol brinca» — e é um romance.
- Ribeiro Couto, o grande poeta brasileiro actualmente em Lisboa, está trabalhando num romance, cuja acção decorra no Algarve.
- Continuando a sua série de traduções, a Livraria Portugália vai publicar «Ciganitas», de Cervantes.
- Já está em distribuição o 1.º fascículo de «Portugal maravilhoso», a interessante colecção dirigida pelo Dr. João de Barros.
- O Dr. José Neiva publicou «Psicologia de adolescentes», na Editorial Cosmos.
- «Poemas de hoje» é o título do livro que Augusto dos Santos Abranches acaba de publicar (Columbra Editora).
- Vai sair a tradução portuguesa de «García Party», de Katherine Mansfield (Portugália Editora).

SERVIÇO DAS LETRAS



consciência literário.

Por mim, não me recuso, de vez em quando, essas indispensáveis férias do cotidiano; e, devo dizê-lo sinceramente: é quando me encontro mais acompanhado: entregue ao gosto subtil de perscrutar o meu universo íntimo e, através dele, encontrar-me — quantas vezes melancolicamente! — em face do meu próprio destino.

Um dos problemas que surgem com mais frequência ao meu espírito — e confessá-lo é mais um acto de humildade que de orgulho — é, exactamente, o problema da posição do homem de letras em face do Homem. Eu sei que esta expressão «Homem de letras» tem hoje, as suas antipatias, e ainda bem! Ai de quem não tem meia dúzia de sólidas antipatias, seja uma pessoa ou seja apenas uma expressão corrente. Caia em desuso, chocou de encontro às solicitações do nosso tempo, foi, talvez, vencida pela época em que vivemos. E, no entanto, raras definições, podem exprimir tão completa e cabalmente uma missão, ou contemem, com tanta propriedade, um significado que as ultrapasse.

Nesses solitários exames de consciência que a mim próprio imponho (sei muito bem que escrevi uma frase pedante mas eis o que me é totalmente indiferente) devo confessar que não deixo de olhar com receio o futuro daqueles espíritos, cada vez mais raros, que, obstinadamente, se recusam não em ignorar a sua época — mas em manterem-se acima dela. Se me fosse licito escolher uma posição, coerente, não de certo com a minha idade, mas com os impulsos da minha sensibilidade, seria essa a escolhida. O intelectual-homem, do tipo Montaigne, seduz-me infinitamente. E o meu grito «l'écris pour moi-même» pode ser dum egoísmo terrível, mas continua a afiguram-se-me como aquele que mais facilmente pode servir a Arte. A Arte — que é, afinal, um modo de expressão do Homem. Entre o «puro sentir» e o «puro agir» vou decididamente pelo primeiro e nem pergunto, sequer, na esteira de Bossuet: «Le charme de sentir est-il donc si fort?».

Seja como for, acredito no serviço devotado das letras e queria continuar a acreditar na possibilidade da existência futura desse tipo requintado que é o «Homem de letras», não o profissionalizado, sujeito a todas as deformações e a todas as oscilações, não o escritor que faz da sua pena um modo de vida — digamos, lucrativo — mas o Homem de letras, na acepção intelectual do termo, o escritor que viva do Espírito, e das suas raízes faça brotar novos ramos, o escritor que sacrifique ao Homem a sua própria vocação, se preciso for.

É muito raro, hoje em dia, que um Homem tenha ocasião de se encontrar sozinho consigo mesmo, refugiar-se no gosto da meditação e da auto-análise, e, se esse homem é também um escritor, fazer um exame de

Mas, quando penso neste assunto, de novo me encontro a perguntar a mim próprio se o serviço das letras será, na verdade, incompatível com o gosto da acção e se, afinal, em época de heroísmo como é esta, não será uma atitude decadentista o sacrifício às virtualidades mais íntimas daquilo que pode ser considerado com dever superior. Uma vez mais, e à boa maneira clássica, a virtude estaria no meio termo...

★ ★ ★

Eis um livro que sugere todos os problemas, este volume de crónicas «Viagem no meu Jardim», de Augusto de Castro (Livraria Clássica Editora). Sugere-os, primeiro, pela forte personalidade do seu autor, personalidade que empresta a cada página uma presença inconfundível.

Sugere-os, depois, porque os transmite. «Viagem no meu Jardim», não é apenas uma viagem em jardim florido, mas também, e sobretudo, uma larga excursão pelo nosso tempo. Dai reflectir-se em cada página uma pergunta, uma angústia, uma resposta, dessas que acordam connosco de manhã e nos acompanham pelo dia fora. Augusto de Castro consegue, na verdade, esta dualidade: ser o tipo espiritual do «Homem de letras», isto é, do homem que está pronto a receber «le charme de sentir» e a traduzi-lo em Arte — crónista inigualável — não se desinteressar um só momento da Cidade. Caso curioso: toda a sua prosa, todo o seu estilo, podem sugerir a torre de marfim, o sacrifício completo e uma estética à maneira de Benda. E, no entanto, nem uma só página deste livro deixa de ser, por um instante, um autêntico documento de vida e uma imagem flagrante do nosso tempo. Tudo quanto faz a tragédia ou a epopeia da nossa época passa nas páginas do novo livro de Augusto de Castro. Um crónista vigoroso, à maneira de Ramalho Ortigão? Talvez. Mas também — e sobretudo — um temperamento lírico, dum perfeita coerência espiritual, quase escreveria um novelista de sabedoria greco-latina, que se debruça, curioso e atento, sobre o fenómeno humano para melhor o explicar e compreender.

«Os homens não estão queimando apenas as reservas materiais acumuladas pelo esforço dum civilização milenária: estão destruindo — o que é pior — as reservas espirituais amontoadas em séculos de combate do homem para se vencer a si — próprio».

Creio que Augusto de Castro pode orgulhar-se, depois da tormenta, de ter pôsto sempre a sua pena ao serviço dessas reservas espirituais que constituem a substância eterna da criação literária pura. Páginas como «O Mar e a Arvore», «A missão do Ocidente», «O sentido humano da vida», «O último grande romântico», «A voz da Catedral», «Evocações», «O drama da França», «Os poetas e a ilusão» e tantas outras crónicas deste livro, «Viagem no meu Jardim», constituem, até na diversidade jornalística da sua intenção, a melhor moldura dum perfil de homem de letras que sem «trair», consegue pôr o seu estilo privilegiado ao serviço das grandes ideias e dos grandes momentos da humanidade — sem esquecer nunca a sua posição de Homem, de Homem em permanente diálogo com a sua própria inteligência.

CALCADA DA GLÓRIA

NOTAS

O sr. dr. João Neves de Fontoura, ilustre embaixador do Brasil, ofereceu, há dias, nos salões e jardins do «Avis Hotel» uma recepção, não apenas circunscrita, protocolarmente, às autoridades portuguesas e ao corpo diplomático, mas ampliada à Lisboa intelectual e elegante. Acontecimento, ao mesmo tempo diplomático e representativo, constituiu um verdadeiro êxito a registar nos anais da nossa política mundana. As notas que vão seguir-se, sem pretenderem ser uma reportagem, darão talvez aos que não assistiram à recepção do Avis Hotel algumas imagens flagrantes do que se passou.

|||

As oito horas da noite começaram a povoar-se as salas do «Avis». Diplomatas, ministros, escritores, jornalistas, senhoras, raparigas, algumas de braços nus e pernas nús, eram recebidos pelo embaixador e pelos secretários da embaixada com o melhor sorriso do mundo. Prescindira-se, desta vez, da casaca e do «smoking»; tudo travaja de passeio; e o próprio dr. João Neves de Fontoura, num exemplo significativo, ostentava, sob o jaquetão, um colete branco e fresco...

|||

Pelas dez, com a sala de jantar repleta iniciava-se, ao som trepidante duma orquestra dirigida pela casaca do maestro Fernando de Carvalho — a única casaca presente — uma copiosa refeição que teria feito as delícias de Pantagruel. Desde a lagosta ao peru, desde a galantina ao pavão, desde as frutas aos gelados servidos em taças de cristal, Pantagruel teria abundantemente por onde escolher, se não preferisse comer de tudo — como fez a grande maioria dos convivas. Só uma coisa era comparável àquela hoje tão raro delírio de abundância: o apetite das ilustres pessoas que comiam, honrando àquela inesperado banquete de Deuses.

|||

O «Champagne» dos grandes momentos trasbordava a sua espuma loira das pequenas taças erguidas, ao céu, na ponta dos dedos. A meu

AUGUSTRADAMUS, PROFETA



Augusto Ferreira Gomes, aliás Augustradamus, nasceu em Portugal, em plena Primavera, do século XIX. Coursou humanidades e prosseguiu a sua instrução fazendo versos à lua. Com 20 anos já era o maior boémio do seu tempo.

Foi Miguel de Nostradame, digo, de Nostradamame, segundo afirmam os biógrafos, que o iniciou nos estudos da Astrologia e da Kabala. Mas dessa iniciação ou de outra, tudo se ignorava. Tendo-se recolhido na «Brasileira» do Chiado, aí escreveu dois livros de poemas — «A Rajada doentia» e o «Quinto Império» — e iniciou, em pleno claro escuro, as suas profecias. O livro profético de Augustradamus compõe-se de: 1.º, Carta a César; 2.º, A Carta ao Invenível; 3.º, As Centurias; e 4.º, os Preságios. A fama de Augustradamus é enorme, não só pelo brilho da sua cultura, mas pelo esplendor das suas culturas no Alentejo onde possui propriedades. Químico, astrólogo, mago, boémio e filósofo, apreciador das boas letras e dos belos vinhos, foi conselheiro dos antigos reis de França e ainda hoje é honrado por algumas apetitosas Catari-nas... de Médicis.

lado uma rapariga fulva como o «Champagne» dizia tocando os lábios rubros no mais nobre Pommery: — Tem o sabor de certos beijos de cinema!

|||

Quando a penumbra quente da noite principiou a envolver os jardins sobre os quais se abriam as largas portas da sala de jantar, renques de lâmpadas coloridas se acenderam por entre as árvores,

iluminando de tons vários a verdadeira. Dir-se-ia que estávamos em plena «féerie» — enquanto aqui e além, em pequenas sombras luminosas, se surpreendiam discretamente Arlequins e Colombinas, em traje de passeio, falando de Musset e George Sand...

|||

Na grande sala, sob o doirado claro da luz eléctrica, ao som da orquestra infatigável, não faltava

MUNDANAS

quem dançasse vivamente saltando do tango para a valsa e da maxixe para o swing com a mais vertiginosa naturalidade do mundo. *Honny soit qui mal y danse!*

|||

Foram particularmente notados o chapéu de Maria Archer, feito duma espécie de tule cor de rosa; e o apontamento de chapéu, ou melhor, o desapontamento de chapéu de Ana de Gonta Colaço — que, há dez anos, não usava semelhante coisa na cabeça.

|||

Há quem afirme que os filósofos e os eruditos, homens estruturalmente de gabinete, não frequentam estas festas mundanas. Possível. O que é certo é que, desta vez, lá vimos, risonhos, felizes, entre aquela rovoada porventura frívola, os srs. António Sérgio, Costa Veiga, Hernâni Cidade, Henrique Ferreira Lima, o austero desembargador Gonçalves Pereira, etc....

|||

Impossível dar uma nota, sequer aproximada, das centenas de pessoas presentes. Desde a sr.ª D. Veva de Lima à sr.ª D. Amélia Rey Colaço, desde a sr.ª D. Oliva Guerra a Madame Raúl, desde o sorriso do dr. José Álvóelos ao monóculo de Carlos Selvagem, desde os óculos do sr. Luis Forjaz Trigueiros ao casaco branco do sr. Joaquim Paço de Arcos, estava o autêntico almanaque de Gotha da Lisboa elegante e intelectual. Ainda não há como um banquete para reunir *toute la lyre*, nivelando espíritos e ideologias.

|||

A festa terminou de madrugada. Dezenas de automóveis transportaram os convidados a suas casas, sob o trémulo lampejo das últimas estrelas. O eco desta recepção perderá, estamos certos disso, na memória de quantos a ela assistiram. O actual embaixador do Brasil soube, como poucos, entregar as suas credenciais à fina sociedade alfaiada.

2 DISCOS NOVOS

por

CARMEN MIRANDA

BW. 0 3423
O passo do Kanguru
Tic-tac do meu coração

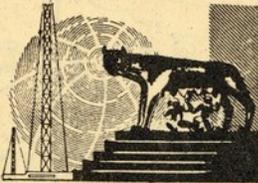
BW. 0 3437
Chatanooga Choo-Choo
Boneca de peixe

A venda nos
Est. Valentim de Carvalho
Rua Nova do Almada, 97



ESCUTAI

ROMA



NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODO OS DIAS

Horas de Portugal	Programa	Postos	Metros	Kc/s
7.40	Noticiário	2 RO 21	19,92	15060
		2 RO 4	25,40	11810
12.20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15,31	19590
		2 RO 8	16,84	17820
13.30	Noticiário	2 RO 8	16,84	17820
		2 RO 21	19,92	15060
17.00	Noticiário	2 RO 17	15,31	19590
21.00	Noticiário	2 RO 4	25,40	11810
		2 RO 3	31,15	9030
21.40	Noticiário	2 RO 6	19,61	15300
		2 RO 4	25,40	11810
		2 RO 18	30,74	9760
		2 RO 11	41,55	7220
		2 RO 26	48,23	6220
		221.10	ondas médias	263,20
21.30	Noticiário	2 RO 6	19,61	15300
		2 RO 19	29,04	10330
		2 RO 18	30,74	9760

CONVERSÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

21.10	Às domingos	39,80
21.20	Às quartas-feiras	31,41

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE



APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil
Peça folhetos grátis á

ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

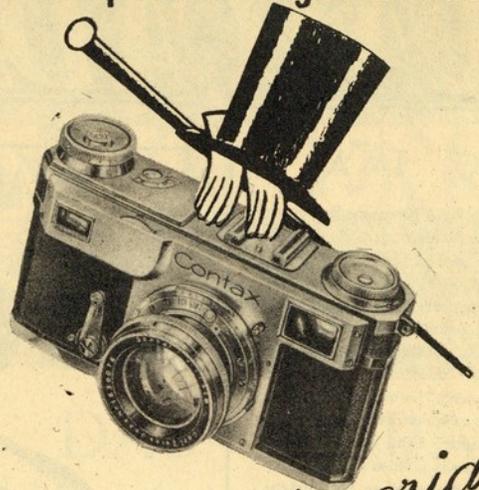
AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 PORTO

Vida MUNDIAL
Publicação

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES	ESTRANGEIRO (com convenção)
3 meses (13 números)..... 13\$00	6 meses (26 números)..... 40\$00
6 " (26 ")..... 26\$00	12 " (52 ")..... 80\$00
12 " (52 ")..... 52\$00	ESTRANGEIRO (sem convenção)
AFRICA PORTUGUESA	6 meses (26 números)..... 47\$00
12 meses (52 números)..... 68\$00	12 " (52 ")..... 94\$00

Uma Máquina Fotográfica de...



Alta categoria!

J.C. ALVAREZ, L. DA
TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA
205-RUA AUGUSTA-207-LISBOA

PARAGANA-1843



Horas	Estações	Comprimento das ondas	Horas	Estações	Comprimento das ondas
7.45	WCRC	31.1 m. 9650 kc/s	18.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s	19.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
9.45	WRUW	49.6 m. 6040 kc/s	20.30	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s	20.30	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
12.45	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s	22.00	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
	WDL	30.8 m. 9750 kc/s		WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
13.45	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s	23.00	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s		WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
14.45	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s	00.45	WDL	30.8 m. 9750 kc/s
	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s		01.45	WDJ
17.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s			

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da
AMERICA em MARCHA

O Dr. Neves da Fontoura, ilustre Embaixador
do Brasil em Portugal
(Visto por Santana)



FUTEBOL, TEMA DE DISCUSSÃO...

FALA-SE DE TRANSFERÊNCIAS E COTAÇÕES

A «febre» das transferências de jogadores é já uma doença antiga. Há quem não concorde com a designação da doença e lhe chame mui simplesmente necessidade. Questão de interpretação, claro... As transferências dos jogadores de futebol já veem de longe. A primeira que em Portugal se fez, muito a medo, constituiu uma inovação sensacional, rompendo todas as barreiras dos preconceitos e do «parece mal» até então em vigor...

Época após época, o sistema generalizou-se, propagando-se a todo o lado, onde tilintassem alguns escudos disponíveis, ou quantas vezes indisponíveis!... Depois, com a evolução do tempo, perturbou os cérebros dos homens, levando-os a esportularem verbas astronómicas para a aquisição de jogadores que interessavam aos seus clubes.

A luta que entre o mais potentes se estabelecia assumia aspectos quasi homéricos, no desejo infrene de deitarem a última palavra, quanto ao preço do homem que interessava!...

Os cargos de tesoureiro, foram os de mais responsabilidade nas colectividades, porque nos fins e princípios de cada época havia que distrair as verbas necessárias para a «compra» considerada indispensável para reforçar a equipa — e um campeonato perdido pode contribuir para o fracasso duma Direcção, por muito sensata e consciente que esta tenha sido na sua vigência.

E vejamos porque dizemos «foram»: A determinação da Direcção Geral dos Desportos, pondo termo às transferências, veio aliviar os tesouros, beneficiar os cofres dos clubes, — ainda que desagradar aos técnicos que superintendem nas turmas de futebol. A medida superior veio num momento em que, efectivamente, as transferências se anunciavam sensacionais e por quantias fabulosas para um meio sem recursos, como o nosso.

Há muito tempo que não havia notícia de estarem vários grupos interessados num jogador. De forma que a emulação, a compita, travava-se no campo material. Quem pudesse ou estivesse disposto a dar mais ao clube onde o jogador até agora actuava, reforçava poderosamente as suas linhas. Citamos o seu nome: Eliseu Récules Fernandes Cavalheiro, há quatro épocas defendendo as cores do Académico F. C. do Pôrto. É realmente um rapaz habilidoso, com grandes recursos e em idade — 22 anos — de poder progredir. Nasceu em Faro a 5 de Dezembro de 1921. A sua história como jogador, conta-se de um traço: em 1937-38 inscreveu-se pela C. U. F., mas não jogou. Na época seguinte, inscrevia-se pelo Barreirense, mas também não jogou. Desconhecem-se as razões. Finalmente, em 1939-40 acolhia-se à bandeira do Académico e... jogava. Neste clube se distinguiu, a pontos de ser seleccionado para o grupo de «Novos» que há meses defrontou a selecção nacional. Dois clubes do Sul, o Sporting e o Estoril Praia, numa transmissão de pensamento, compreenderam que Eliseu lhes seria utilissimo. E as «sondagens» começaram sensivelmente a meio da temporada. Eliseu fez várias viagens a Lisboa. Não se passou de palavras, porque, sentindo-se alvo de um interesse geral, fazia render a «mercadoria», não o jogador por si próprio, mas o clube.

Sporting e Estoril Praia estabeleceram rija peleja. Cada qual com seus trunfos, pondo-os na mesa conforme a oportunidade — e a resposta do contrario...

Resumindo: um deles, decidiu-se a depositar mais de meia centena de contos, supomos que 65, para assegurar o concurso do referido jogador! Deste modo, batiam-se todos os «records» no nosso País em operações semelhantes. Ouvimos e pasmamos. Pois será possível dar cinquenta contos ou mais, por um futebolista? Haverá alguém que valha essa quantia, que junta a outras representaria um fundo excelente para obras de renovação de campos atléticos, construção de relvados, de pistas de atletismo, de ciclismo, de melhoramentos de balneários, alguns tão pouco higiénicos, coitadinhos!...

Crêmos francamente que não. Depois, se Eliseu é já um jogador com certas provas dadas, nas quais os técnicos vislumbram possibilidades de aperfeiçoamento, nada garante, que por qualquer eventualidade imprevista, essas condições se não possam obliterar.

Não seria o primeiro caso. Há vários. Claro que os clubes arris-

cam-se. Podem ter sorte, podem ter asar. Com a compra das melancias sucede a mesma coisa...

Mas a agremiação do Pôrto não se decidia... Talvez por pressentir facilidade na subida do «barómetro»... Entretanto, Eliseu vinha de longada a Lisboa. Uma das últimas vezes, jogou no Estádio no festival em que a 2.ª categoria amadora defrontou a «Velha Guarda». Eliseu jogou no grupo amador (1) e o curioso é que a sua presença passou despercebida ao público e os próprios adversários só no fim do jogo souberam quem era aquêle rapaz, mexido, com bom sentido de colocação e energético... Foi uma excelente partida, não há dúvida...

A demora no fecho das negociações, redundou num fracasso total. O comunicado da D. G. D. surpreendeu os interessados em meditação... Como a meia noite, fixada como limite para as transferências, soasse, cessou tudo quanto até aquela hora se podia fazer. O Estoril Praia e o Sporting ficaram sem Eliseu e o Académico que antevia uma ajuda importante no orçamento, deve torcer a orelha, por não se ter decidido a tempo... A eterna certeza de quem tudo quer, tudo perde...

Há outras facetas. O jogador Correia, do Sacavenense, andou positivamente em almoeda, o Benfica e o Sporting como arrematantes...

Os «encarnados» levaram a melhor, porque a alturas tantas, os «leões» desinteressaram-se do género de negócio... E por aí fora... O espaço é pouco para tantos exemplos.

Ainda que sujeita a alterações, no Regulamento Geral do Desporto Português, a sair dentro em breve, a resolução da D. G. D., afuguram-se-nos de alcance moral, mais que justificado... É preciso defender a pureza e o significado da palavra «desporto»! E não é certamente, deixando campear à vontade um autêntico «mercado negro», que se pode praticar adequada moralização; ainda que tudo isto muito pese ao que não professam idéias afins!...

Por último, como curiosidade, oferecemos aos nossos leitores as transferências desta época. Os nomes dos que foram a tempo, respectivas efígies, e curtas notas biográficas, subsídios de elucidação.

Jaime Correia. Nasceu em Timor em 2 de Abril de 1921. Nas épocas de 1940-41 e 41-42 jogou no Sporting Clube de Castelo Branco. Na temporada que ora findou, defendeu o Sacavenense, onde alcançou notoriedade. Vai para o Benfica.

José Marques Climaco. — Nascido no Barreiro em 7 de Janeiro de 1922. Nas épocas de 1940-41 e 41-42 jogou pelo Luso, tendo em 1942-43 envergado a camisola do Gimmásio Clube do Sul. Na época que segue, vê-lo-emos no Benfica.

António Rodrigues. — Viu a luz do dia, em Matozinhos, a 2 de Janeiro de 1925. O seu primeiro clube, — o primeiro, pelo menos, oficialmente, — foi o Leixões, chegando a conquistar o campeonato nacional de juniores. Subiu à categoria de honra o ano passado. Parece prometter... Abandona o Norte e vem «morar» no Belenenses.

Albano Narciso Pereira. — É seixalense. Nasceu a 22 de Dezembro de 1922. Em 1938-39 esteve no Barreirense, e de 39 a 43 o seu clube foi o Seixal, o grupo da sua terra.

O Sporting e o Estoril Praia disputaram-no. O campeão de Lisboa venceu a partida, depois do rapaz ter declarado abertamente que era cleão...

José Rodrigues da Conceição. — Este jogador faz-nos lembrar o caso do ciclista Aguiar Martins, a quem todos chamavam Martins de Aguiar. O vulgo habituou-se a designá-lo por Conceição Rodrigues, e a própria Imprensa deu amparo ao erro. Nasceu em Pombal a 7 de Maio de 1919. Fez parte dos grupos do União Futebol Coimbra Clube nas épocas de 1934-35 a 39-40. De 1940 a 43 defendeu o Benfica. Admite-se a sua ida para o Farense.

Heitor da Conceição Frade. — É alentejano, de Évora, onde nasceu em 15 de Junho de 1919. Jogou de 1937 a 1941 pelo Lusitano Ginásio Clube, de Évora. De 1941 a 43 pelo Sporting Clube Piedense, da Cova da Piedade. Vai para o Unidos.

Alvaro Pereira de Sousa. — Nasceu em Sesimbra a 15 de Dezembro de 1919. De 1937 a 40 alinhou no Vitória de Setúbal. Em 1941-42 e 42-43 esteve no União Sport Clube Almadense. Vai para o Unidos.

Lutero Martinho da Silva Dóres. — É lisboeta, nascido a 25 de Dezembro de 1921. História curtíssima, oficialmente, claro: na última época jogou no Parede. Vai para o Unidos.

Ismael Marques Borges. — Também de Lisboa. Nasceu a 11 de Junho de 1923. Em 1939-40 e 40-41 jogou no Sporting Clube de Portugal. De 1941 a 43 esteve no Clube de Futebol Benfica. Roido de saudades, retoma o Sporting!...

António Moriz. — É açoreano, de Ponta Delgada. Nasceu a 28 de Janeiro de 1919. Defendeu as cores do Micaelense F. C., de S. Miguel, de 1933-34 a 37-38. Em 1940-41 apareceu no Carcavelinhos, fugidamente, pois no ano seguinte tornou ao clube de origem. O continente tentava-o... Em 1942-43 veste a camisola verde do Sporting, e não a despindo, embora, vai defender outro Sporting, o Farense.

Manuel Coelho de Barros (Nelo). — Nasceu em Fafe, a 26 de Janeiro de 1917. Tem tido, futebolisticamente, uma vida agitada. Vejamos: No Sporting de Fafe jogou de 1932-33 a 34-35. Daqui segue para o Pôrto, alinhando pelo Boavista em 1935-36, para na temporada seguinte voltar a Fafe, onde se conserva até 1938. Em 1938-39 há um caso curioso: inscreve-se pela Associação Académica de Coimbra, acaba por não jogar e por se manter no Sporting de Fafe. Em 1940-41 envergou a camisola encarnada do Benfica, para a trocar agora pelo verde do Sporting — do vizinho do lado...

Mário Rodrigues Coelho. — Nasceu em Lisboa a 4 de Fevereiro de 1920. Jogou pelo União F. Lisboa de 1936 a 1942. Na última época esteve no Atlético de Portugal, resultado da fusão entre União e Carcavelinhos. Vai para o Belenenses.

António Marques Neves. — Nasceu nos Olivais a 23 de Fevereiro de 1923. No Sporting C. P. jogou nos «juniores» de 1938-39 a 40. De 1940 a 42 pelo Marvilense, na categoria principal. Na última época esteve no Pôrto, no Académico. E na que segue defenderá o Atlético Clube de Portugal.

Manuel Gonçalves de Carvalho. — É oriundo de S. Pedro do Sul, nascido a 11 de Março de 1923. Nas épocas de 1940-41 e 41-42 representou o Amora F. C., na última o Seixal F. C., e agora tomou o rumo do Atlético C. P.

A história do décimo quinto da nossa galeria, já está feita mais atrás. Trata-se de Eliseu.

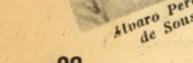
O décimo sexto, **Carlos Joaquim Pratas,** nascido em Lisboa a 1 de Novembro de 1917, jogou de 1933-34 a 39-40 pelo Carcavelinhos, e de 1940-41 a 42-43 pelo F. C. do Pôrto. O campeão nortenho dispensou-o e Pratas não sabe ainda para onde irá... É possível que para o Atlético Clube de Portugal!...

O mesmo sucede com **Vitor Augusto da Veiga Guilhar,** nascido em Trindade (Ilha de S. Tomé), a 12 de Novembro de 1913. Está dispensado pelo F. C. P., e o seu coração balança, diz-se, entre o Benfica e o Estoril Praia...

Guilhar jogou no União S. C. Paredes (1931-32), no Boavista (1933-34), no Mirandela (1934-35) e pelo F. C. P. de 1936 a 43. Na época de 1935-36 não jogou.

Como pormenores finais: repare-se que o Unidos e o Atlético levam a palma aos restantes, partindo do princípio que Pratas se decidirá pela coligação ocidental, e que o Estoril Praia, a grande revelação de há três épocas, não figura na lista nem como recebedor nem como expedidor!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA



UMA NOCTURNA NO CAMPO PEQUENO DUAS ESCOLAS DOIS GRANDES TOUREIROS

POR muito tempo perdurará na memória de quantos assistiram à corrida de touros da passada quinta-feira no Campo Pequeno, os momentos grandiosos de beleza e emoção oferecidos por dois rapazes cheios de vontade e alma toureira: Pepe Dominguin e Gregório Garcia. O que eles fizeram justificou absolutamente o delírio do público, que não parou de os ovacionar enquanto tourearam e, no fim, os fez dar a volta à praça num ambiente de apoteose que só deixou de envolver os valentes toureiros quando, num automóvel, se afastaram do largo Afonso Pena, após terem sido «sacados em ombros» pelos mais entusiastas. Pode, pois, classificar-se de excelente o espectáculo que, sob todos os aspectos, satisfaz os aficionados, mesmo os mais exigentes, talvez até aqueles que, cépticos, têm procurado descobrir no mexicano defeitos que, se na realidade tem, estão sobrejamente compensados pelas muitas e raras virtudes de como toureiro tem patenteado.

Correram-se cinco touros da antiga vacada do sr. Conde de S. Martinho e três do sr. João de Assunção Coimbra: os primeiros, sem tipo nem casta, deram uma lide deveras difícil, sendo os de cavalo da mais arreliante mansidão, salvando-se apenas o que fêchou praça, que era verdadeiramente nobre; os do sr. Coimbra tinham casta e nervo, sendo o último um autêntico touro de lide, suave e nobre, daqueles que só muito raramente saem do «chiqueiro». O público, em delírio pelo que Dominguin e Garcia fizeram neste touro, esqueceu lamentavelmente o lavrador, que tinha todo o direito de partilhar directamente das ovações tributadas aos novilheiros.

A José Casimiro saltaram os piores animais do curro, dois autênticos bois que não investiam, muito embora o cavaleiro tivesse empregado a melhor boa vontade, arriscando-se em terrenos apertados. Tudo foi infrutífero, e o excelente toureiro teve que recolher sem poder aumentar louros à coroa que na presente temporada tão belamente tem colhido. O público, contrariado por ver que a tão grande cavaleiro tocavam inimigos de tal qualidade, vaiou a «ganaderias» fazendo uma chamada especial e merecida ao simpático e pundonoroso José.

Pedro Barrera, que já tem escutado em Lisboa grandes e justas ovações, esteve pouco diligente na lide do segundo touro. Se é certo que no sexto nada mais podia fazer, é também certo que no novilho de João Coimbra podia ter passado algum de uma excelente «verónica», duas ou três «chicuelinas» e uns «faróis» verdadeiramente bons e sem pampina — únicos momentos em que fez transparecer a sua categoria de bom toureiro. Com a «muleta» teve uma «faena» breve com a preocupação de iludir com «trocaduras de pitones» um domínio que, na realidade, não existiu.

Assim, os heróis da noite foram Pepe Dominguin e Gregório Garcia — dois temperamentos, duas escolas, dois estilos, de cujo confronto nasceram momentos da mais fina arte e da maior emoção. E porque esses momentos atingiram o máximo de brilhantismo quando os dois alternaram, a actuação de ambos deve ser encarada em conjunto, pois que essa disputa leal de verdadeiros toureiros foi a causa principal de tanta beleza.

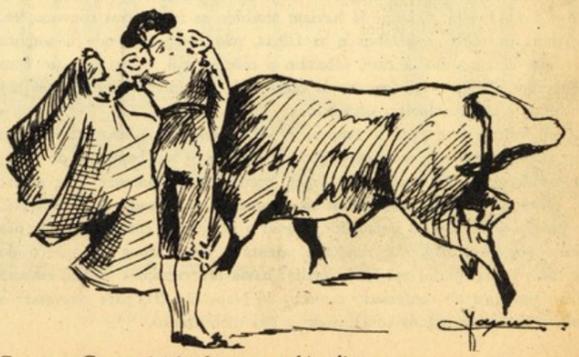
Os primeiros «tercios» dos seus touros, sobretudo do oitavo, foram maravilhosos e neles se esgotou todo o repertório das sortes de capote, misturado por vezes de improvisos admiráveis que tornaram intenso o colorido de um toureiro sério e bravo. Se é possível destacar alguns detalhes desse conjunto de beleza, recordaremos de Dominguin um colossal equites por «gaoneras» no terceiro, uma assombrosa «meia verónica» no quarto, duas imensas «largas de rodillas» e uma série fantástica de «cortinas» impetuosamente executadas no oitavo; de Garcia um equites admirável de graça e valentia no quarto, uma série de «verónicas» animadíssimas e «chicuelinas» lentas e incrivelmente apertadas no oitavo.

Com as bandarilhas estiveram ambos grandes: Garcia melhor que Pepe no sexto, e o espanhol superior ao mexicano no oitavo — touros que bandarilharam em conjunto. Com referência especial, um grande «equibero» de Dominguin, os seus «Joguetos» lindíssimos e um enorme «equarteiro» de Garcia.

Com a muleta foi mais feliz o mexicano, pois tendo apanhado os melhores touros soube deles tirar o maior partido em duas grandes «faenas», emocionantes e bellissimas. A do 4.º touro foi de molde a elevar ao máximo o entusiasmo popular. Começou com um passe por alto, estatuário, para logo continuar por «aportes» arrepiantes, fazendo passar o touro tão cerca que a emoção se manteve de mãos dadas com a mais pura arte. Parava por vezes para adornar-se em alardes de valor e depois seguir, sereno, confiante, magnífico. A dada altura um espectador reclamou toureiro clássico, com a esquerda, e Gregório mudando a «muleta» de mão, num gesto cheio de graça toureira, tira sete «naturais» admiráveis, numa série que remata com um «de pelto», materialmente colado ao touro. Garcia mostrou assim que até mesmo o último tercio ele sabe dominar, pelo menos quando encontra pela frente um adversário digno da «faena cumbres» que deixou desenhada no redondel do Campo Pequeno. A ovação foi delirante, com prendas, chapéus, música e volta, prelúdio da apoteose final em que Espanha e México, as duas mais castiças pátrias do toureiro, foram com toda a justiça confundidas pelo entusiasmo popular.

Maneiras diferentes, sim, mas igualmente belas quando praticadas por verdadeiros toureiros!

(Crónica e desenhos de JAIME DUARTE DE ALMEIDA)



Gregório Garcia iniciando uma «chicuelina»

PARIS, 1870

EPISODIO HISTÓRICO ROMANCEADO

ESTE palácio foi construído em 1564, sob a direcção de Philibert Delorme e por ordem de Catarina de Medicis, precisamente no local onde existia uma fábrica de telhas, o que lhe fez dar o seu nome actual...

Era sempre assim que o guarda Jules Esquirol começava a longa explicação com que acompanhava os visitantes do palácio real das Tulherias, nesse ano de 1870, em que nele se domiciliava o imperador Napoleão III, com sua esposa Eugénia de Montijo. Embora o ambiente político de Paris não fosse, nesses quentes dias de Julho, particularmente propício a atrair curiosos, as visitas ao palácio estavam sendo, nessa tarde, bastante numerosas, e eram principalmente compostas de embaçadados provincianos que escutavam, com evidente admiração, as preleções eruditas do velho guarda, que já sabia de cór a lenga-lenga.

Jules Esquirol há muito que era ali empregado. Fora, em tempos, criado e, depois, quando os anos o inibiram das fadigas atinentes ao seu cargo anterior, a estima de seus imperiais anos havia-o promovido a cicerone, cargo de que se desempenhava com modelar habilidade — por um lado em forma amável para com os visitantes, que lhe correspondiam com generosas gorjetas; por outro, com cuidado especial, não fosse o grupo turístico encontrar-se com pessoas da família do soberano, o que este, de forma alguma, toleraria. Autorizava a visita dos intrusos mas era preciso que o não impedissem de circular à vontade, sem a maçada de um súbito encontro anti-protocolar.

O velho guarda, reconhecido e dedicado aos ilustres amos, andava, todavia, preocupado com a ameaçadora situação política. Findas as horas de serviço, regressava à sua casinha da rua do Hasard, não muito longe dali. E, logo que se sentava à mesa modesta e aseada, onde já fumejava a cheirosa terrina de sopa, perguntava ao filho e ao genro pelas últimas notícias. O genro, Henri Pirou, era um operário trabalhador, amigo extremo da esposa e das suas duas filhinhas; o filho de Esquirol, porém, era um preparador na Sorbonne, de idéias republicanas, em discussão sempre com o pai. Nessa tarde, estava êle declaradamente radiante: as recentes eleições, afirmando-se no sentido da política de Thiers, revelavam nitidamente a vitória da corrente republicana, ainda para mais auxiliada com a desunião do partido legitimista, dividida em dois grupos: os do pavilhão branco de Henrique V, e outros, do tricolor. Naquela noite, acusando a política imperial, o ardente Ferdinand Esquirol sustentava que as rixas que, dia a dia, se multiplicavam em toda a França, entre nacionais e alemães, eram grave ameaça para a paz do país, já comprometido pelas leviandades do soberano.

Respondia-lhe o pai, afirmando que o governo estava a tentar que Guilherme I, da Prússia, se opusesse a que um príncipe da casa de Hohenzollern occupasse o trono espanhol.

— Ah! que se conseguirem isto, temos a paz inteiramente garantida!...



No dia seguinte, o velho Esquirol voltou satisfeitíssimo a casa. Soubera, no paço, que o rei da Prússia concordara em retirar a candidatura dos Hohenzollern, embora — reserva esta a que o filho se apegou para prevalecer no seu cepticismo — não oferecesse qualquer garantia respeitante ao futuro.

Mas, no meio da tarde do dia imediato, o velho Jules recebeu ordem de terminar, imediatamente, com a visita dos turistas, pois, a partir daquele momento, ficavam suspensas as entradas no palácio, a pessoas estranhas. Horas depois, soube porquê: o embaixador francês, ao pedir que Guilherme I de novo o recebesse, não foi atendido. Nessa noite, quando chegou à sua casinha da rua do Hasard, já a sopa esfriara na terrina. Fora dada ordem de mobilização e o filho e o genro do velho cicerone já haviam recebido as respectivas convocações. Henriette tinha os olhos vermelhos e as filhas, não compreendendo a sombra dramática que descia sobre a casa, olhavam a mãe, o avô, o pai e o tio com olhos admirados e tristes, indiferentes às carícias do cãozinho Tribulet, que lhes pedia as festas e as brincadeiras costumeiras.

Naquela hora grave para a França, o velho Jules, que não tremera em Waterloo quando recebera, na hora trágica da derrota, o seu baptismo de fogo; que fora condecorado na tomada de Argel, precisamente quarenta anos antes; que, por feitos de bravura nas vitórias da Crimeia e na tomada de Sebastopol, chamara para si a atenção do imperador, o qual o galardou com o emprêgo nas Tulherias — pôs os seus pouco rendosos setenta e tantos anos ao serviço do soberano. Mas a sua oferta mal foi escutada: havia preocupações graves, embora se nutrisse confiança no confessado projecto de Napoleão III, para atravessar o Reno antes que os prussianos concluíssem a sua mobilização.

Dois dias depois, na casa da rua do Hasard, só havia um velho, uma mulher e duas crianças. Os regimentos de Ferdinand e de Henri haviam já deixado Paris. 19 de Julho, data da entrega da declaração de guerra da França à Prússia, foi também o do primeiro encontro sangrento entre as tropas dos dois países, em Spicheren. O velho Jules quisera também acompanhar o imperador a St Cloud, mas teve de ficar, porque era indispensável que ficasse entre os guardas das preciosidades das Tulherias. Assim, o antigo soldado tinha também o seu pósto na defesa da pátria.

O mês de Julho foi terminado num desenrolar de notícias, umas desconcertantes, outras de preocupar. As primeiras patrulhas prussianas haviam transposto a fronteira; Napoleão III viera à capital confiar a regência à imperatriz e logo partira para, em Metz, tomar o comando pessoal do exército, num total de 240.000 homens, com 1.080 canhões. Esquirol sabia que o regimento de seu filho estava nessa cidade e pedia aos céus que o efervescente rapaz esquecesse as suas idéias anti-monárquicas para só se lembrar de que era um soldado da França ameaçada.

No princípio de Agosto, chegaram às Tulherias informações do campo inimigo: Guilherme da Prússia assumira o comando das tropas que prefaziavam um total de quasi o dôbro dos efectivos franceses. Essa superioridade teve o primeiro efeito no encontro de Wissemburg, onde os 5.000 soldados franceses do general Douay sucumbiram esmagados por 40.000 alemães. Mas, logo no dia imediato, Paris reanimou-se: o marechal Mac-Mahon, sob cujas ordens combatia Henri, obtivera uma grande vitória. Infelizmente, a verdade era completamente oposta: quem havia saído triunfante, fora o exército prussiano, quasi três vezes superior em número. Noite de lágrimas foi essa na rua do Hasard, onde Henriette não sabia se o marido saíra com vida dessa derrota.

A 7 de Agosto, Jules Esquirol foi o primeiro a acorrer para abrir a portinhola da carruagem que trouxe a imperatriz, ao regressar de St. Cloud, com más notícias: Napoleão III ordenara a retirada geral sobre Metz. Um longo combóio de feridos chegara à capital. Entre êles, contava-se Ferdinand, que recolheu a um hospital da margem esquerda. O pai e a irmã foram logo visitá-lo, mas, felizmente, os ferimentos não eram tão graves que o impedissem de aplaudir os deputados de oposição, que nas câmaras acabavam de derrotar o ministério Emile Ollivier, e acusar o imperador de responsável nos sucessivos desaires sofridos.

Entretanto, a progressão inimiga continuava. Começara o ataque a Estrasburgo, onde 60.000 alemães ameaçavam seriamente 23.000 franceses. O general de Palikao constituiu novo ministério e procedera a várias remodelações que mereciam ao severo espírito crítico do filho de Esquirol ásperas censuras. O ex-preparador da Sorbonne estava quasi curado mas nem por isso se mostrava mais bem disposto com os realistas, principalmente quando lhe chegaram notícias de manifestações na cidade, a seguir a um espectáculo, na Comédie-Française, a meio do qual a assistência entoara a «Marselhesa».

Quando, dali a dias, o rapaz saiu, com alta, as notícias do campo de batalha tendiam para melhor. Houvera ligeiras vitórias francesas e alguns ataques inimigos repelidos. Chegara também uma carta de Henri, mas com um atraso que levava a supor que, depois dela escrita, muitos acontecimentos lamentáveis teriam ocorrido.

Ferdinand raras vezes vinha a casa e, por ora, não pensara em apresentar-se de noyo no regimento. A desorganização dos serviços gerais da capital também não contrariavam a liberdade que o rapaz a si próprio concedera. Todavia, quando, a 24 desse mês, a publicação da proclamação, ordenando a expulsão das «bocas inúteis», veio ameaçar os habitantes da casa da rua do Hasard, os pedidos do soldado, a influência do velho Jules no palácio e o facto da pequena Mariette ter adoçado, embora sem aparente gravidade, impediram que, pelo menos de momento, a família de Esquirol deixasse Paris.

Quando começou o mês de Setembro, a pequena enferma já se levantava. As derrotas francesas sucediam-se com aflitivo ritmo, mas a maior de todas foi a que, nessa tarde, Jules Esquirol contou em casa choroso: Os 50.000 franceses, cercados em Sedan, tinham-se rendido aos 245.000 prussianos e, com aquêles, o próprio imperador Napoleão III, que se constituiu prisioneiro do rei da Prússia, partindo para Wilhelmsboehle.



Estalou, então, a revolução em Paris. A República foi proclamada. Jules Esquirol contou-se entre os que insistiram para que a imperatriz fugisse para

Inglaterra. Eugénia concordou, mas, ao despedir-se do choroso criado, ordenou-lhe que recolhesse a casa. No palácio, a sua vida corria perigo e a sua presença de nada valia contra qualquer investida revolucionária. A esta ordem, juntaram-se as súplias da filha e do filho, que era agora um dos mais entusiásticos colaboradores da nova situação. Assim, o antigo cicerone das Tulherias deixou o palácio. Ferdinand acompanhou-o e, depois, partiu logo, porque tinha uma reunião do partido que ia prestar a Victor Hugo, que acabava de regressar à capital, calorosa homenagem de boas-vindas.

Infelizmente, atrás do famoso escritor, outros homens se aproximavam da cidade: era o exército inimigo, que poucos obstáculos agora encontrava na sua marcha sobre Paris. A 17, tinha ocupado Versalhes e atravessado o Sena. As primeiras granadas caíram sobre a capital. Ferdinand Esquirol era, então, um dos mais entusiásticos propagandistas da subscrição aberta por Pyat para se oferecer uma espingarda de honra a quem matasse o rei da Prússia. Quando deu esta notícia ao pai, o velho foi a uma arca antiga, tirou um ennegrecido sabre, envolto num pano debotado, e disse:

— Como sabes, nesta casa já pouco dinheiro temos. Existe, porém, aqui, um tesouro que para mim não tem preço: é a espada com que combati na Crimeia e na Argélia. Leva-a, vende-a e entrega o dinheiro a Pyat.

Entretanto, a vida em Paris tornava-se difícil: acabara de todo o leite, e Henriette, angustiada, não sabia como havia de tratar a outra filha, que também estava adoentada. E o marido sem dar notícias!

O governo, que entablara negociações preliminares para um armistício, recusou-o depois, por o mesmo ser de condições inaceitáveis, e fizeram partir um balão com correio, para comunicar com o exterior e iludir o cerco germânico. A vida civil torna-se cada vez mais angustiada. O pão, a manteiga e outros géneros indispensáveis sobem, dia a dia, de preço. O governo pede que a população deixe a capital, mas a doença das duas netas de Esquirol impedem a família de sair da rua do Hasard.

Em meados de Outubro, a fome reina horrorosamente em Paris. O Jardim Zoológico está vendendo os animais que já não pode sustentar. A carne encontra-se racionada. Na triste casa da rua do Hasard, os 300 gramas que lhe coube foram para os caldos das pequenas doentes.

Depois da desastrosa capitulação de Metz, começam novas negociações para o armistício. A tal notícia, estalam mais revoltas na capital. Nessa noite batem, a altas horas, à porta da rua do Hasard; Henriette vai abrir e cai-lhe nos braços o irmão, coberto de sangue. Até de manhã, a experiência do velho soldado da Crimeia prestou-lhe os possíveis socorros. Quando o sol entrou pela janela do quarto, a febre baixara.

Na primeira semana de Novembro, e quando o governo mais uma vez não aceitara as condições do armistício, caiu o luto sobre a casa da rua do Hasard: a filha mais nova de Henriette expirara.

Alguns dias mais tarde, nas lojas vazias, disputavam-se os gatos a sete francos cada e os ratos a 60 céntimos. Garantem as estatísticas que, até aquele dia, já se haviam comido, na capital, 27.523 felinos. A fome fazia definir os tristes habitantes do lar dos Esquirol. Uma manhã, a chorosa Mariette perguntou pelo Tribulet. A mãe, sem olhar para ela, disse que o cãozinho tinha fome e fugira. A criança ficou muito pensativa e depois disse:

— Também eu, mamã, tenho muita fome...

— Já vais comer, meu amor — respondeu-lhe Henriette. — O tio hoje arranjou carne.

E, realmente, duas horas depois, a pequena saboreava um apetitoso guisado que a mãe lhe serviu, de olhos lacrimosos e pensativos...

O mês de Dezembro trouxe, como nova inclemência, um frio horroroso, impossível de combater ante a escassez de combustíveis. Ferdinand, certo dia, trouxe um pedaço de carne sangrenta, que disse à irmã que cozinhasse sem repugnância. Era um bocado de camelo, que conseguira, de entre os animais que o Jardim Zoológico sacrificara. Quando o termómetro desceu abaixo de 20 graus, o velho Esquirol atirou, para a lareira, um a um, todos os móveis que não eram estritamente indispensáveis. A mortalidade na capital crescia a cada momento. Uns caíam sob as casas bombardeadas, outros sucumbiam às crescentes privações. Henriette, certa manhã, na igreja de St. Sulpice, por pouco que não foi atingida na derrocada que perto dela fez 21 vítimas.

Finalmente, a 28 de Janeiro de 1871, o bombardeamento cessou. A cidade capitulara. Um armistício, de 21 dias, fôra assinado. Paris começou recebendo alguns mantimentos. Na casa da rua do Hasard, onde um velho, uma mulher e uma criança só por milagre não haviam perecido à míngua, brilhou de novo o fogo na chaminé.

Mas, poucas semanas mais tarde, novas desgraças caem sobre a capital. Rebentam outra vez tumultos. Ferdinand, a despeito dos conselhos do pai, continua sendo dos mais ardentes revolucionários. Inclui-se entre os amotinados de

Montmartre e seu pai receia que ele seja um dos federados que atentaram contra os generais mortos na rua dos Rosiers. Há cenas sangrentas na praça Vendôme e da Bolsa. No dia 28, é proclamada a Comuna, na Câmara, e a anarquia campeia atrozmente na capital. Da casa da rua do Hasard, trancada por dentro, ouve-se, dia e noite, tiroteio consecutivo. Dentro em pouco, explosões mais fortes ecoam. São as tropas fiéis de Versalhes que atacam os amotinados.

Foi numa dessas tardes que Jules Esquirol ouviu, na rua, alguém gritar:

— Estão a destruir as Tulherias!

Dir-se-ia que o velho perdia a razão. Não escutava as súplias da filha, não via as lágrimas da neta. Escancarou a porta e correu para a rua. O molim era infernal a poucos passos dali. Uma horda, coberta de sangue e fumo, fugia ante as tropas que avançavam de Versalhes. A multidão, enlouquecida, cercava o palácio imperial que regara com petróleo e de onde já irrompiam chamas. Jules correu para os jardins, furtou-se à perseguição de um trolpel de revolucionários e entrou no paço, por uma porta arrombada. A multidão foi-lhe no encalço, soltando, sem saber porquê, gritos de morte contra aquele velho. Assim, esse trolpel de loucos penetrou na antecâmara do palácio, ao meio do qual viram, desafiando-os de olhos coruscantes, um velho que lhes impunha involuntariamente respeito. Todos pararam junto das portas, tanto mais que o fumo ia já invadindo o recinto e tornando o local perigoso.

Jules fitou aquela horda feroz e espantada e, com uma voz que parecia sair de um túmulo, os olhos escancarados e sem luz, pronunciou, lentamente e, num ritmo mecânico, estas palavras:

— Queiram seguir-me, senhoras e senhores... Este palácio foi construído em 1564, sob a direcção de Philibert Delorme e por ordem de Catarina de Medicis...

— É um velho maluco! — gracejou um do grupo.

— Não, é um realista! — gritou, ferozmente, um soldado, de farda em farrapos.

E, apontando a pistola, disparou contra Esquirol. O velho herói de Argel baqueou atingido em cheio. Aquêle que escapara aos projecteis de Waterloo, da África e da Rússia, encontrara a morte numa bala francesa.

JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR



...o velho foi a uma arca antiga, tirou um ennegrecido sabre...



**OS CHEFES QUE DIRIGEM AS OPERAÇÕES
MILITARES DA INVASÃO DA SICÍLIA**
(LEIA PÁGINA 3)